



O que sobrou da crítica?

Diante da falta de espaço na mídia tradicional, a crítica literária tenta se reinventar em um cenário dominado por novas plataformas de informação

Há mais uma crise no Brasil. E essa turbulência diz respeito à crítica literária. Com o advento da internet e, principalmente, devido à expansão e à popularidade de blogs e redes sociais, os jornais e revistas impressos tiveram as suas tiragens reduzidas. O espaço para o jornalismo diminuiu. Já a crítica literária quase foi banida dos impressos tradicionais.

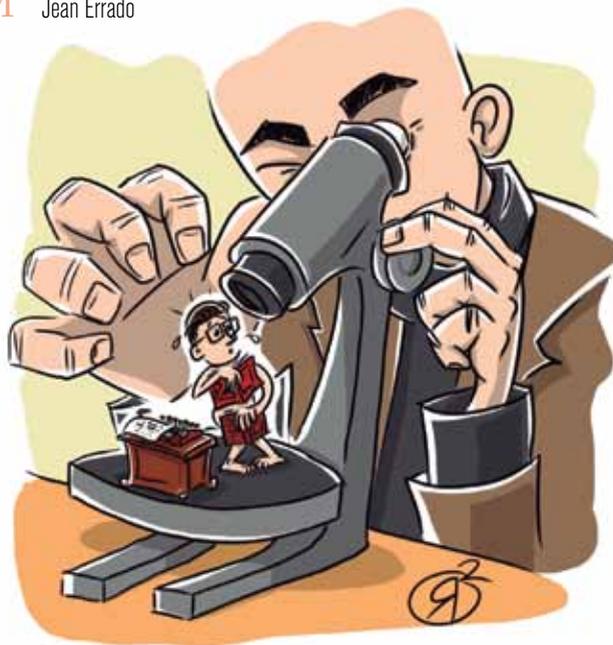
É a respeito desse cenário que o **Cândido** consultou diversos especialistas para saber: onde está a crítica literária? Mais que isso: a crítica vai bem? Na opinião de Alcir Pécora, professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), a crítica vai mal, muito mal, tanto a praticada por acadêmicos quanto a veiculada nos jornais, segundo Pécora, principalmente por colonistas literários — meros intermediários entre editoras e cadernos de cultura. Já Eduardo Sterzi, também professor da Unicamp, entende que a atividade nunca esteve tão bem como no tempo presente, pelo fato de haver mais possibilidades para ler textos críticos, de variadas vozes, em plataformas digitais e mesmo em impressos, no caso, alternativos.

O assunto, de fato, divide opiniões e inclui, entre outros itens, espaço para João Cezar de Castro Rocha — um dos mais destacados críticos brasileiros contemporâneos — comentar a sua atividade. Há um perfil memorialístico de Wilson Martins (1921-2010), considerado por muitos o mestre da crítica. E, em entrevista, Regina Dalcagnè, professora da Universidade de Brasília (UnB), analisa a situação da crítica e também do meio literário, assunto que ela pesquisa há alguns anos por meio abordagem inusitada.

Cândido traz ainda inéditos, fragmento de um romance de Adriana Armony, poemas de Eucanaã Ferraz e Wagner Schadeck e trechos do *Dicionário amoroso do Rio de Janeiro*, que o jornalista Alvaro Costa e Silva, o Marechal, produz para uma coleção idealizada pela editora baiana Casarão do Verbo. O jornalista Omar Godoy fez o perfil de Anna Muylaert, mais que cineasta, uma leitora.

Boa leitura.

CARTUM Jean Errado



BIBLIOTECA AFETIVA

Divulgação



O encontro com Clarice Lispector foi definitivo na minha vida. Na leitura de seus livros e sobretudo do livro *Água viva*, encontrei o eco de minhas sensações mais recônditas e as dancei. Duas paixões se encontravam: a dança e a literatura. Acredito que a poesia das palavras pode trazer ao corpo que dança novos espaços de experimentação, possibilitando um constante estado de reinvenção. Afinando nossa escuta, ela nos diz: "Não se compreende música: ouve-se. Ouve-me então com o seu corpo inteiro."

Eliane Carvalho é diretora e professora do Studio Gesto (www.studiogesto.com.br), centro de referência da Dança Flamenco no Brasil. Combina a experiência como professora e coreógrafa, construída através de mais de 20 anos de estudos no Brasil e Espanha, com suas pesquisas acadêmicas acerca da relação corpo-palavra para desenvolver seu trabalho de Preparação Corporal em Artes Cênicas. Vive no Rio de Janeiro (RJ).

Divulgação



Na minha infância, não tive uma biblioteca em casa, mas meu pai lia os escritores russos, franceses e brasileiros. Na mesa de jantar, ele sempre dizia: "O mundo se divide em dois tipos de gente, os que leram Dostoiévski e os que não leram Dostoiévski". No natal de 1999 ele me deu de presente uma edição do livro *Os irmãos Karamázov*. Fiquei vinte e cinco dias sem ler jornal, ver televisão e beber cerveja, para mergulhar nas aventuras do bondoso Aliócha, do intelectual Ivan e do Devasso Dimitri. O melhor romance que li em minha vida é o canto de cisne do russo. É o seu apogeu e o seu fim. É uma obra densa, desigual, desequilibrada, mas cheia de vida, de paixões, de pensamento, de visão cruel e piedosa dos homens. Na minha bêbada e imodesta opinião, posso dizer que fiquei assombrado com tanta beleza.

Jovino Machado é poeta e restaurateur. Publicou 13 livros de poemas. É autor, entre outros, de *Fratura exposta* (2005) e *Cantigas de amor & maldizer* (2013). Vive em Belo Horizonte (MG).

EXPEDIENTE

CÂNDIDO

Cândido é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa
Secretário de Estado da Cultura: Paulino Viapiana
Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira
Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Gerson Gross

Coordenação Editorial:

Rogério Pereira e Luiz Rebinski Junior

Redação:

Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy.

Estagiários:

Melissa R. Pitta e Thiago Lavado

Coordenação de Desenho Gráfico | CDG | SEEC

Rita Solieri Brandt | coordenação

Bianca Salomons, Cecília Fumaneri e Raquel Dzierva | diagramação

Colaboradores desta edição:

Colaboradores desta edição: Adriana Armory André Ducci, Álvaro Marechal, Eucanaã Ferraz, Erick Carjes, Guilherme Caldas, Jean Errado, João Cezar de Castro Rocha, Lina Faria, Marcelo Cipis, Nicholas Pierre e Wagner Schadeck

Redação:

imprensa@bpp.pr.gov.br | (41) 3221-4974

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
Rua Cândido Lopes, 133. CEP: 80020-901 | Curitiba | PR.
Horário de funcionamento:
segunda à sexta, das 8h30 às 20h.
Sábados, das 8h30 às 13h.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

CURTAS DA BPP

Foto: Shiguo Murakami



Paisagens paranaenses em cena

Até o final de maio, o público da Biblioteca Pública do Paraná pode conferir a mostra “Paisagens Paranaenses”, com imagens do fotógrafo Shiguo Murakami. A exposição é fruto da parceria entre a BPP e o Sesc-PR. Segundo Christophe Quirino Spoto, curador da Divisão de Educação e Cultura do Sesc,

as fotos de Murakami nos apresentam “o mundo em que vivemos com uma poética despojada e eficiente, compreensível universalmente”. A mostra fica em cartaz no Hall Térreo da BPP e o horário de visitação é de segunda a sexta-feira, das 8h30 às 20h. Aos sábados, das 8h30 às 13h.

Mário Prata abre temporada 2014 do projeto “Um Escritor na Biblioteca”

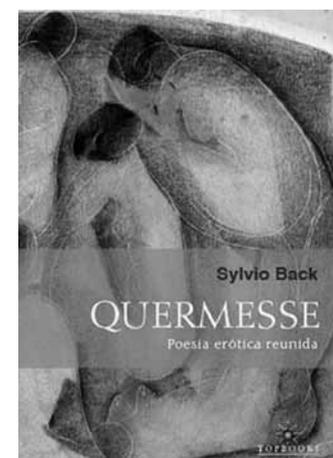


O escritor Mário Prata é o primeiro convidado do projeto “Um Escritor na Biblioteca” em 2014. O encontro acontece em 2 de abril (quarta-feira), às 19h, no auditório Paul Garfunkel. A entrada

é franca. Esta é a quarta temporada do projeto desde que foi retomado, em março de 2011, após 26 anos de interrupção. Prata é um dos autores mais lidos no país. Nos anos 1990, emplacou diversos livros nas listas de mais vendidos, como *O diário de um magro* (1997) e *Minhas mulheres e meus homens* (1999). Também tem uma carreira importante no jornalismo. Nos anos 1970, foi cronista do *Pasquim*, ao lado de nomes como Millôr Fernandes. Em 1993, passou a assinar uma coluna semanal no jornal *O Estado de S. Paulo*, publicada por mais de uma década. Também assinou crônicas em diversas publicações nacionais, como as revistas *Istoé* e *Época* e o jornal *Folha de S. Paulo*.

Novo número de *Helena*

Já está em circulação a nova edição da revista *Helena*, da Secretaria da Cultura do Paraná. Cada vez mais plural e abrangente, a publicação trimestral segue apostando em reportagens de fôlego que muitas vezes contam histórias inéditas ou pouco conhecidas no Estado. Mais de 20 colaboradores participam deste número 5, entre jornalistas, escritores, acadêmicos, fotógrafos e artistas gráficos. A edição abre com um perfil da rapper curitibana Karol Conka, que revela passagens desconhecidas de sua trajetória antes do reconhecimento. Quem também fala com exclusividade à *Helena* é o veterano artista plástico Fernando Velloso, em entrevista acompanhada pelo crítico e professor Fernando Bini. Igualmente experiente, Naomi Nisikawa explica por que é o último haicaiista da velha guarda do município de Assaí. A revista também investiga as origens do salame Krakóvia e a vida cultural no populoso bairro curitibano do Sítio Cercado. Resgata a história da poeta Júlia da Costa e do espetáculo *O grande circo místico*, do Ballet Teatro Guaíra. Também traz textos inéditos de Jair Ferreira dos Santos, Teixeira Coelho e Antonio Cescatto, além de um ensaio fotográfico sobre shows na capital e uma história em quadrinhos assinada pelo artista DW Ribatski. Distribuída gratuitamente em bibliotecas e pontos de cultura do Estado, a *Helena* também pode ser lida em issuu.com/revistahelena.



O fescenino Back

O escritor e cineasta Sylvio Back acaba de lançar a coletânea de poemas eróticos *Quermesse*. A obra traz 55 poemas inéditos, além de versos publicados em trabalhos anteriores do autor, como os livros *O caderno erótico de Sylvio Back* (1986), *A vinha do desejo* (1994), *boudoir* (1999) e *As mulheres gozam pelo ouvido* (2007). A coletânea tem prefácio do crítico e poeta Felipe Fortuna e orelha do jornalista curitibano Roberto Muggiati. Cineasta, escritor e crítico de cinema, Back já produziu 38 filmes, desde 1962, entre eles 12 longas-metragens. Também é autor de 12 livros, entre contos, poemas e ensaios, além de ter publicado argumentos e roteiros de mais de dez filmes.

Editais em Literatura

A Fundação Cultural de Curitiba (FCC), através do Fundo Municipal de Cultura, abriu três editais públicos na área de literatura: Ciclos de Leitura, Análise e Criação Literária e Ações de Leitura. As inscrições dos projetos em cada categoria devem ser feitos via postal no sistema Sedex entre os dias 20 de março a 24 de abril. Para mais informações, os editais estão no site da FCC, na área de lei de incentivo e as dúvidas podem ser tiradas através do e-mail paicatendimento@fcc.curitiba.pr.gov.br.

Radiografia da literatura brasileira

Professora da UnB que coordena pesquisas sobre autores e livros contemporâneos fala sobre as principais características da literatura produzida hoje no país

LUÍZ REBINSKI JUNIOR

A literatura brasileira contemporânea nunca esteve tão presente na universidade quanto hoje. Pelo menos no departamento de Letras da Universidade de Brasília (UnB). É lá que a professora Regina Dalcastagnè, doutora em Teoria Literária pela Unicamp e professora titular de literatura brasileira da UnB, coordena o Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea e edita a revista *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. Foi a partir desse núcleo que surgiu o livro *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Lançado em 2012, o estudo fez barulho ao revelar que a literatura brasileira é um espaço pouco plural, dominado por homens da classe média que escrevem apenas sobre os dramas vividos na metrópole por seus pares de

estrato social. No momento, Regina e seu grupo de estudo trabalham com os romances publicados entre 2005 e 2014. Já foram lidos e catalogados 670 livros. Contando os dois momentos do trabalho (1990 a 2004 e 2005 a 2014), o estudo abarcará quase um quarto de século da produção literária brasileira. Um esforço pouco comum na universidade em se tratando da literatura contemporânea. Na entrevista a seguir, a professora Regina comenta a nova fase de seu trabalho e fala sobre a falta de diálogo entre escritores, acadêmicos e editores. Para ela, também falta aos nossos escritores a ambição de produzir livros que consigam definir o Brasil. “Nossos romances falam do aqui e do agora, de uma classe social, de um gênero e uma raça — são pequenos recortes pessoais ou de grupos localizados.”



Divulgação



A academia, em geral, costuma trabalhar quase que exclusivamente com autores clássicos da literatura nacional. O grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea da UnB, que a senhora coordena, é um ponto fora da curva na universidade brasileira? Ou os autores contemporâneos finalmente estão sendo estudados nos cursos de Letras?

Sim, os autores brasileiros contemporâneos estão sendo estudados nas universidades. Há um número crescente de pesquisadores empenhados em trabalhar com o assunto, a partir de diversas abordagens e em diferentes recortes. São inúmeros grupos de pesquisa que vêm surgindo aqui e ali, com projetos interessantes e abrangentes — alguns lidam com obras ou autores específicos, outros elaboram uma discussão mais ampla, sobre o campo literário nos dias de hoje. Inclusive no exterior, é muito comum que as aulas de literatura brasileira passem por autores recentes, o que permite um diálogo maior dos jovens com a nossa cultura. Certamente ainda há algumas universidades que preferem marcar distância do assunto, permanecendo na posição confortável de só trabalhar com o cânone estabelecido, do modernismo para trás. Mas elas não podem, absolutamente, ser tomadas como exemplo do que acontece no resto do país.

A senhora também coordena uma revista com ensaios sobre a literatura contemporânea. Esses estudos serão reunidos em novo livro sobre o tema?

A revista *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, que já tem 42 edições e se encontra inteiramente disponível na internet, é outra demonstração do quanto a área vem se desenvolvendo no país. Nós recebemos entre 50 a 60 artigos de doutorandos e doutores do Brasil e do exterior para serem avaliados a cada número (são dois por ano). Quando a revista chegou a seu trigésimo número, em 2008, julgamos que era

hora de reunir alguns artigos em livro. Foram identificados os temas mais presentes nos textos publicados na revista e, pela quantidade e qualidade dos artigos, optou-se por “violência e desigualdade” como eixo do volume. Talvez já seja hora de pensarmos em uma nova coletânea.

A literatura brasileira contemporânea ainda vende pouco, mas a percepção é de que nunca foi tão debatida quanto agora. Não parece um contrasenso discutir tanto uma literatura que ainda está à procura de leitores?

Creio que é importante discutir essa literatura, sim, até para entender sua dificuldade em atingir um público maior. Temos problemas econômicos e de alfabetização no país, mas há também o elitismo do fazer literário, que tende a afastar possíveis leitores. Aliás, por mais que os escritores digam que procuram leitores, eles estão cientes de que vender muito pode significar uma desqualificação de sua obra. Também o foco, excessivamente voltado para a classe média branca, restringe a recepção. E, por fim, as editoras muitas vezes preferem apostar no que é certo, investindo muito mais na divulgação de obras que já se mostraram vendáveis no exterior e escondendo os autores brasileiros. Há dezenas ou centenas de lançamentos por ano, mesmo de editoras médias ou grandes, que mal aparecem nas livrarias. A internacionalização e concentração do mercado do livro no Brasil, que se aceleraram nos últimos anos, torna o cenário ainda mais preocupante.

Há dois anos a senhora lançou um livro chamado *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*, que, a partir de uma pesquisa quantitativa, constatava que a literatura contemporânea é feita majoritariamente por homens brancos e de classe média. Como a classe literária, incluindo aí críticos e editoras, reagiu ao seu trabalho?

ENTREVISTA | REGINA DALCASTAGNÈ

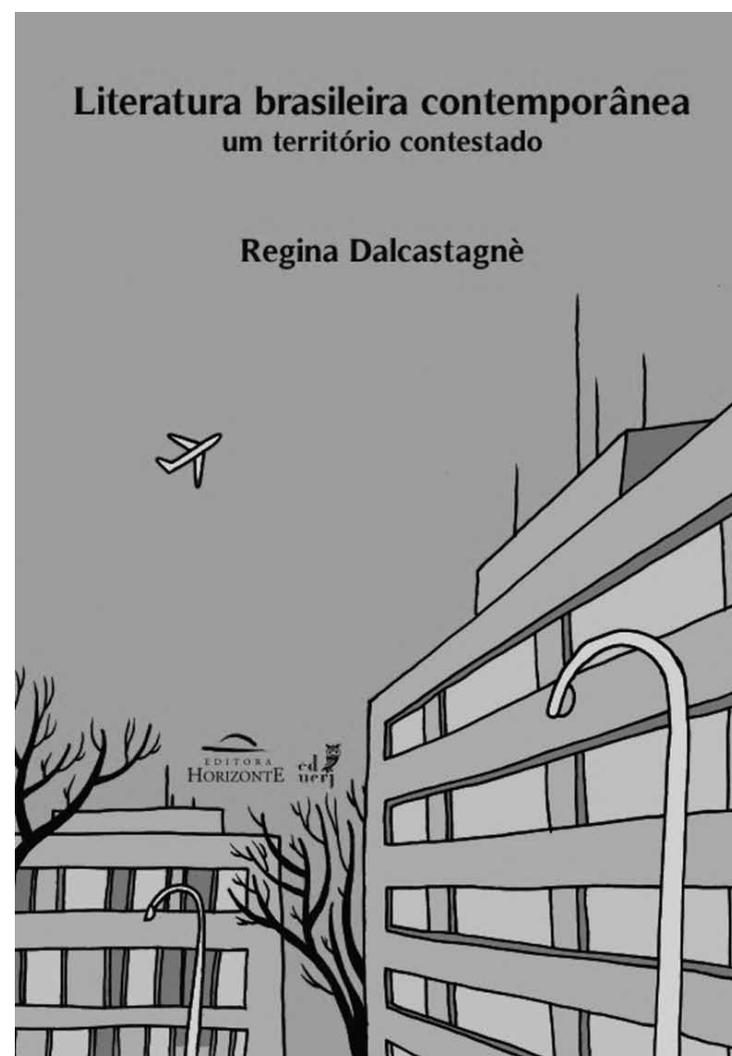
Meu livro é resultado de 15 anos de trabalho com a literatura brasileira contemporânea. Ali discuto questões que envolvem autoria, espaço, tempo, narrador, problematizando inúmeros dilemas que constroem e impulsionam a produção literária atual. O último capítulo traz os resultados de uma pesquisa extensa com os romances publicados pelas principais editoras brasileiras entre 1990 e 2004. É uma espécie de mapeamento dos autores e das personagens dessas obras, que nos fornece dados significativos para se refletir sobre a produção literária e o mercado editorial brasileiro hoje. A repercussão dessa pesquisa estatística foi muito curiosa — nem tínhamos lançado os resultados

finais, com a devida discussão dos dados, e já se ouvia a condenação ao trabalho feita por alguns escritores. Como se o levantamento representasse uma espécie de patrulha. A meu ver, isso mostra desconhecimento do que a pesquisa significa. Quando eu digo, por exemplo, que 80% das personagens do romance brasileiro contemporâneo são brancas, não estou impugnando livros em que não aparecem negros ou acusando seus autores. Estou apontando um problema que não é individual, mas do campo literário brasileiro, que não abre espaço para produtores de determinadas origens, que foca num público leitor restrito e que só valoriza determinadas tradições criativas. Mas outros escritores,

que leram o trabalho, foram muito receptivos, inclusive para debatê-lo. Há uma reclamação muito frequente entre os escritores de que as universidades não trabalham com suas obras, mas podemos dizer a mesma coisa — a maior parte deles não nos lê. Quanto às editoras, elas simplesmente ignoram a nossa existência. Qualquer pesquisador que já teve que solicitar dados às editoras brasileiras pode confirmar que elas não têm nenhum interesse em dialogar conosco.

A senhora e seu grupo de pesquisa analisaram 258 romances brasileiros publicados entre 1990 e 2004. Como se dá a escolha dessas obras e que tipo de avaliação o leitor desses livros faz?

Bom, é preciso explicar a pesquisa inteira. Ela tem como foco a personagem do romance brasileiro contemporâneo e envolveu a seleção de um recorte de obras, a produção de uma ficha padronizada de leitura, a programação do *software* estatístico, o treinamento dos auxiliares de pesquisa (cerca de 40 alunos de graduação e de pós-graduação até agora). A primeira etapa, fez um mapeamento das personagens, das autoras e dos autores do romance brasileiro de 1990 a 2004. Outras etapas se seguiram: fizemos também o mapeamento das personagens e autores do romance do período 1965 a 1979; das personagens do cinema brasileiro da retomada; e ainda um aprofundamento



“A falta de ambição da maior parte da literatura contemporânea é um problema.”

da compreensão da representação das mulheres nesses romances. No momento, estamos trabalhando com os romances publicados entre 2005 e 2014. Já foram lidos e catalogados 670 romances. Temos um banco de dados com informações detalhadas sobre todos eles. O objetivo não era mapear tudo o que se produz sob o rótulo de “literatura”, mas um conjunto de obras representativas, dotadas de reconhecimento social, com certa penetração. Entendi que as editoras são as principais fiadoras deste reconhecimento. Assim, contatei um grupo de 30 escritores, críticos e professores, indagando quais seriam as três principais editoras para a publicação de literatura brasileira em prosa, aquelas que

conferiam mais prestígio a seus autores. Desta enquete, para o período de 1990 a 2004 surgiram, com grande clareza, os nomes da Companhia das Letras, Record e Rocco. Para o período de 2005 a 2014, foram selecionadas Companhia das Letras, Record e Objetiva/Alfaguara. Para o período intermediário, de 1965 a 1979, a enquete não trouxe resultados significativos (os informantes alegavam não se lembrar das editoras mais importantes), então fizemos um levantamento na Biblioteca Nacional e chegamos à conclusão de que as duas principais editoras então (pelo volume de obras publicadas e pela importância no cenário nacional) eram a Civilização Brasileira e a José Olympio. Procuramos ler, portanto, todos os romances publicados em primeira edição por estas editoras nestes períodos. É importante destacar que a pesquisa não diz que os romances estudados são “melhores” ou “mais importantes”. Diz apenas que foram os romances publicados pelas editoras que conferem maior prestígio aos seus livros. Não trabalhamos com a recepção do leitor, que envolveria outro tipo de metodologia e outros problemas de pesquisa.

e Rio de Janeiro. Nossos dados principais são sobre os romancistas publicados pelas grandes editoras, mas outros levantamentos paralelos apontam resultados semelhantes quando observados outros gêneros e mesmo outras editoras. Se é esse o perfil do escritor, e se esse perfil é tão frequentemente replicado em suas personagens, podemos inferir que é mais confortável para o autor brasileiro escrever sobre o que vive e o que conhece. Por outro lado, seu público em potencial não difere muito desse mesmo perfil, o que também deve influenciar nas escolhas das editoras. Isso, sem dúvida, é reflexo da situação de segregação social própria do Brasil. O que não quer dizer que muita gente com outro perfil social não esteja escrevendo. Há um movimento dinâmico nas periferias, que se expressa usando o papel, mas também outros suportes, como a música e a internet. No entanto, os filtros que impedem que essa produção seja reconhecida como “literatura” ainda são muito fortes. O rótulo “literário” é usado como elemento de exclusão: a produção dos escritores de fora da elite aparece como testemunho, documento sociológico, não como literatura. Há uma disputa política pelo reconhecimento de que determinadas expressões são “literatura”. Os setores mais conservadores da crítica acadêmica e jornalística, bem como muitos dos escritores da elite, são os principais defensores do *status quo*, alimentando a ideia de que o “literário” é um atributo sobrenatural e trans-histórico, em vez de ser uma prática social, que tem a ver com a produção de hierarquias que beneficiam alguns e excluem outros.

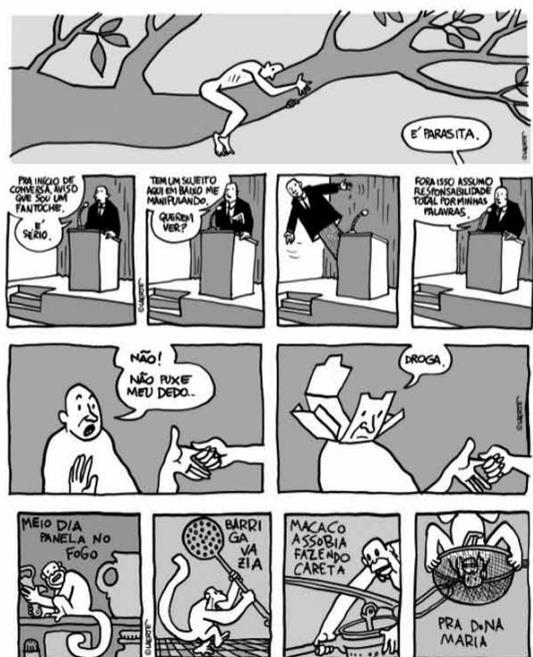
Seu estudo também revela que nossa produção literária é bastante monotemática, com a metrópole servindo de pano de fundo para discutir questões da classe média, de onde surge a grande maioria dos escritores brasileiros. Esse cenário se deve a quê? É uma questão de mercado, um recorte feito pelas editoras, ou apenas um reflexo da própria sociedade brasileira?

Creio que isso reflete um conjunto de fatores. Em primeiro lugar, esse é, realmente, o meio de onde vem o escritor brasileiro. Pelos nossos levantamentos, em sua maioria, eles são homens brancos da classe média, têm profissões já vinculadas aos espaços de domínio de discurso, como o jornalismo ou a universidade, e residem em São Paulo

Por outro lado, é recorrente a ideia de que uma das marcas da literatura contemporânea é a diversidade de escritores e estilos. Consegue visualizar essa diversidade?

Histórias em quadrinhos diante da experiência dos outros

organização Regina Dalcastagnè



“Com raras exceções, [os livros brasileiros] seguem o modelo de um fio de trama, poucas personagens, pouca complexidade e, aliás, também poucas páginas. Pode-se fazer um grande livro com essas características. Mas é difícil imaginar que só obras deste tipo gerem uma literatura de impacto.”



Diante de todos os dados que levantamos, podemos falar em diversidade de estilos, mas não em efetiva diversidade de autores e de perspectivas sociais, pelo menos não em meio aos espaços mais consagrados.

Há autores que destoam desse esquema na literatura brasileira? Quem são os escritores que criam discursos destabilizadores na ficção nacional?

Sim, há autores que se empenham em sair de sua zona de conforto e lidar com outros temas e outras perspec-

tivas sociais. Para isso, têm que estabelecer novos modos de dizer. Há também aqueles que se mantêm em seu espaço, mas que, dali mesmo, realizam uma profunda crítica às práticas e discursos da classe média. Afinal, o elemento crítico não está necessariamente no tema, mas na capacidade de recusar a naturalização daquilo que é produto social. Por fim, há os que vêm trabalhando faz tempo nas margens do campo literário, nas periferias da sociedade brasileira. São poetas, contistas, romancistas, com uma obra que é coletivamente muito rica, muito

desigual, cheia de potencialidades e limites — exatamente como a produção do campo literário legítimo, aliás.

E por que não conseguem espaço no campo literário? Alguns autores, no entanto, romperam essa barreira, como Ferréz e Paulo Lins. Por que esses escritores e suas obras vieram à tona?

Será que romperam mesmo a barreira? Ou apenas parcialmente? Há o risco de que sejam relegados à posição de escritores de nicho, sem que sejam integrados de fato ao *corpus* da literatura brasileira contemporânea. E que suas obras permaneçam sendo vistas no registro do documental, valorizadas mais pela autenticidade do que pela realização literária, e que eles fiquem circunscritos à temática da periferia, a única que eles poderiam abordar legitimamente. Repetindo a situação de Carolina Maria de Jesus, que foi, estou cada vez mais certa disso, uma das escritoras mais capazes e mais complexas que surgiram no Brasil nos anos 1960, mas que ainda é vista como a *avis rara*, como se, sem a indicação da biografia da autora (“favelada”, “catadora de lixo”), sua obra não merecesse ser lida. Dito isso, Ferréz e Paulo Lins ilustram dois caminhos diferentes para romper as barreiras. Lins estreou (como romancista) na editora de maior prestígio na época, a Companhia das Letras, e foi patrocinado por um crítico literário de primeira linha, Roberto Schwarz. Ferréz começou por conta própria e ganhou espaço como líder de um movimento de literatura de periferia. No entanto, não são trajetórias que possam ser generalizadas. Eles continuam marcados pelo signo da excepcionalidade.

Quais são os autores com os quais a crítica acadêmica trabalha?

Estamos iniciando um levantamento dos artigos publicados nas revistas acadêmicas de literatura dos últimos 15 anos. Ainda não tenho dados para



embasar uma resposta mais sólida. Imagino que haja uma predominância do cânone estabelecido, Machado de Assis à frente; muita presença de Clarice Lispector, sobretudo graças à influência da crítica feminista; e uma dispersão no que se refere à literatura contemporânea, talvez com alguma concentração ligeira em nomes de maior visibilidade, como Milton Hatoum ou Luiz Ruffato. Mas a pesquisa pode produzir resultados surpreendentes — e por isso é bom fazer levantamentos sistemáticos, em vez de ficar só com a impressão a olho nu.

A crítica literária tradicional, em geral aquela publicada em jornais e revistas, perdeu importância e espaço. A universidade, por sua vez, com raras exceções, é sempre muito hermética. Quem vai separar o joio do trigo a partir de agora?

Acho que continuamos os mesmos — jornalistas, professores, pesquisadores, editores, livreiros, gestores públicos da cultura, outros escritores, somos nós que movimentamos o campo literário. Somos nós que ignoramos alguns nomes, e referenciamos outros. Há diferentes espaços de legitimação dentro do campo literário, e a influência exercida por cada um de nós participa desse processo. Só que nele nós não *separamos* joio e trigo: nós *determinamos* o que é joio e o que é trigo. Ao destacarmos autores e obras, ao acumularmos camadas de interpretações que ampliam a complexidade e riqueza de seus trabalhos, ao estimularmos que outros criadores dialoguem com eles, estamos colocando em curso um processo que é muito mais do que o reflexo das qualidades intrínsecas do produto literário.

Para além da temática, qual o principal traço estilístico da literatura contemporânea? Há contribuições importantes de jovens escritores neste campo, levando-se em conta nossa tradição de prosadores inventivos?

Não teria como apontar um único traço, devido à diversidade de estilos presente em nossa produção. Mas há algumas décadas o que vem se impondo como uma característica da literatura contemporânea talvez seja o sentimento da impossibilidade, ou mesmo da vacuidade, da pretensão de se formar o grande painel da vida nacional. Não há mais a ideia de produzir o romance que definiria o Brasil — o último foi, talvez, *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro. Nossos romances falam do aqui e do agora, de uma classe social, de um gênero e uma raça — são pequenos recortes pessoais ou de grupos localizados. Isso não é necessariamente ruim; a pretensão de totalidade pode ser uma armadilha. Mas a falta de ambição da maior parte da literatura contemporânea é um problema. Não é apenas que os romances não pretendem gerar um panorama do país. Com raras exceções, eles seguem o modelo de um fio de trama, poucas personagens, pouca complexidade e, aliás, também poucas páginas. Pode-se fazer um grande livro com essas características. Mas é difícil imaginar que só obras deste tipo gerem uma literatura de impacto.

A auto-referência também é apontada como uma característica marcante da prosa brasileira atual, principalmente em autores jovens, com menos de 40 anos. A senhora concorda?

Sim, se levamos em conta o campo literário legítimo. Há muitas explicações para o fenômeno, inclusive como opção de mercado. Mas se observamos o que se escreve por aí — em edições custeadas pelos autores, em páginas de internet, em manuscritos inéditos submetidos a concursos literários e também em coleções de baixa legitimidade intelectual de editoras estabelecidas — veremos um quadro bem diferente. Há muita fantasia, muitos dragões e bruxos, e muito romantismo exacerbado, num diálogo que se dá com a televisão, o cinema

e mesmo a literatura de entretenimento. Mas isso não costuma ser levado em conta quando falamos de literatura.

A literatura tem um tempo de maturação bastante longo. Mas, diante de seus estudos, quem do atual cenário literário a senhora acha pode se tornar um nome importante no futuro?

Não gosto de responder a esse tipo de pergunta. Como falei antes, a repercussão de uma obra depende tanto de suas características quanto de fatores extrínsecos — e mesmo de sorte. Por outro lado, não creio que haja algo de “universal” no valor literário de uma obra. Há livros que falam fortemente ao nosso tempo, que nos fazem inquirir a nós mesmos e ao mundo em que vivemos, mas que talvez digam muito pouco às pessoas de 40 ou 50 anos à frente. Não vejo isso como demérito. E se porventura a obra continuar falando às gerações futuras, não é porque ela é “universal”, mas porque seus leitores, os críticos, os outros criadores que dialogaram com ela, todos ajudaram a atualizar seu sentido, com novas camadas de interpretação. Se hoje sinto que é a autora X que me motiva a pensar, espero ser capaz de entrar num diálogo produtivo com a obra dela. Será que no futuro X vai continuar interpelando seus leitores como hoje interpela a mim? Bem, isso já não é mais comigo. ■

Saiba mais sobre o trabalho coordenado pela professora Regina Dalcastagnè

Site da revista:
<http://seer.bce.unb.br/index.php/estudos>

Site do Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea:
<http://www.gelbc.com.br/inicio.html>

A DE “ANTONICO”

Em maio de 1939 Ismael Silva tinha 33 anos, a idade de Cristo, e já fizera alguns milagres. Fundara a primeira escola de samba, a Deixa Falar, e havia sido um destacado compositor da chamada geração do Estácio que, 10 anos antes, fora responsável pela formatação do samba moderno, a qual perdura até hoje. A partir de 1929 tornou-se um sucesso, parceiro de Nilton Bastos e Noel Rosa, com a maioria de suas músicas gravadas por Francisco Alves, o grande cartaz do rádio na época.

Ismael também puxara cadeia — pena de cinco anos de reclusão, dos quais, por bom comportamento, só cumpria dois, no presídio da Rua Frei Caneca — por ter dado um tiro na bunda de um folgado, de nome Edu Motorneiro, que tentara estuprar sua irmã Orestina. O “tresloucado gesto”, como anotaram os jornais, deu-se à porta do Café Pauliceia, esquina das Ruas Gomes Freire e Visconde do Rio Branco, e há quem afirme que o compositor sequer acertou o tal Motorneiro. Como nos banguês-banguês, o teco passou raspando.

De qualquer forma, sua carreira degingolou. Saindo da prisão, na pior, ele procurou ajuda com Pixinguinha, que, segundo testemunhos insuspeitos, era um santo.

O arquivo do museólogo Mozart de Araújo, incorporado ao acervo do Centro Cultural Banco do Brasil, traz um bilhete datilografado de Pixinguinha ao próprio Mozart escrito num misto de linguagem de repartição com rasgos de sentimentalismo. O que interessa é o trecho final: “(...) razão pela qual lembrei-me de solicitar ao velho amigo para in-

terceder junto ao Luís Simões Lopes, a fim de conseguir uma colocação para o popular sambista, que tem lutado com dificuldade de vida. Sem mais, sendo você músico e o Luís Lopes, cantor, espero que o que puder fazer pelo Ismael seja como se fosse por mim”.

Luís Simões Lopes era um secretário do presidente Getúlio Vargas que gostava de cantar e supostamente tinha influência no meio musical. O jornalista e biógrafo Sérgio Cabral garante que Pixinguinha não escreveu o bilhete, o estilo não era o dele. E o emprego, com ou sem pistolão, jamais saiu.

A primeira gravação de “Antonico”, cuja letra repete quase integralmente um das frases do bilhete (“É necessário uma viração pro Nestor/ Que está vivendo em grande dificuldade/ Ele está mesmo dançando na corda bamba/ Ele é aquele que na escola de samba/ Toca cuíca, toca surdo e tamborim/ Faça por ele como se fosse por mim”), foi realizada em 1950 por Alcides Gerardi. Entre outros, há registros de Elza Soares e Gal Costa, bem melhores que o de Gerardi.

É um marco na linha evolutiva do samba, uma peça intimista feita pelo mesmo compositor que havia começado a grande revolução no gênero no fim dos anos 1920 e início dos 1930. Note-se que toda vez que Caetano Veloso — que sugeriu a Gal que gravasse a música — comete um samba há ecos de “Antonico” nele.

No desvio, mas vaidoso e elegante, fazendo questão de andar de terno, gravata e sapato de bico fino bicolor, morando quase de favor numa pensão “para rapazes” da Rua Gomes Freire, no velho Centro do Rio, Ismael Silva — que antes

de morrer, em 1978, gozou de certo reconhecimento, por ter sido praticamente o único da turma do Estácio que sobreviveu para contar sua versão dos fatos — negou sempre a hipótese autobiográfica, afirmando, em diversas entrevistas, que nada que compunha tinha a ver com

a vida dele. Nunca existiu Antonico nem Nestor nem viração, garantia.

Mas há coincidências demais entre bilhete e samba. Teria o compositor olhado por cima do ombro de quem de fato escreveu o texto no qual está expresso o desesperado pedido de ajuda? ■



B DE BALCÃO

Ilustrações: **Nicholas Pierre**

Hemingway escrevia de pé e nu. Guillermo Cabrera Infante, apenas nu. O carioca muitas vezes come de pé, embora vestido. Em especial na hora do almoço e na correria e no formigueiro do Centro da cidade. E não come, necessariamente, mal. Em certos botecos, a arte de roçar cotovelos no balcão, enquanto se mastiga um sanduíche de pernil com molho de cebola — sem sujar a camisa — é um prazer.

O melhor pernil está no Opus, pequeno bar na sassaricante Rua Gonçalves Dias, depois da Colombo e à esquerda de quem vai ao Mercado das Flores. Um bar estreito e comprido, com tamboretos que, ao freguês tomar assento, deixa a metade da bunda de fora. Daí a preferência pela parte da frente, quase se misturando ao movimento da rua. Cuidado: no teto, abacaxis e laranjas pendurados.

Peça o sanduíche de pernil “molhado” no pão canoa. O segredo, dizem, é o molho, cuja receita é segredo. É, sem favor, um dos melhores do Rio. Há as opções com queijo ou abacaxi. A iguaria será preparada — modo de dizer, cortado o pão, fatiada a carne — a sua frente. Essa é uma das vantagens do balcão, total transparência. Para beber, sucos de frutas; o chope, claro ou escuro, é honesto. Evite o xixi por ali: o banheiro fica no sótão, ao qual se chega por uma escada mui íngreme, mais adequada a um submarino.

O cachorro-quente de linguiça no pão francês com molho — uns 600 são vendidos por dia — é a especialidade do Café Gaúcho, desde 1935 na Rua São José, com vista para o Buraco do

Lume (que a prefeitura insiste em chamar de Praça Mário Lago). De bobeira no Rio de Janeiro, o escritor Reinaldo Moraes (que é o mais paulista dos seres humanos) gostou tanto do sanduíche e das imediações, que resolveu conhecer todos os buracos da cidade. “Com lume ou sem lume”, decretou ele.

Outra pedida no Café Gaúcho é o bolinho de carne (que fica melhor com pimenta) servido pelo mais popular atendente da casa, o Sorriso. É um dos poucos locais no Centro que ainda mantém a tradição do cafezinho na xícara de louça e pires de alumínio. Tudo no balcão, naturalmente.

O cartunista Jaguar, um campeão dos balcões cariocas, dono de calos no cotovelo de tanto debruçar-se em legítimos mármore dos mais memoráveis botequins, ensina as vantagens do exercício de beber e comer em pé: você é servido mais depressa, fica mais fácil driblar os chatos, pode-se escolher o tira-gosto de melhor aparência, filar uma lasquinha da porção de presunto de perna e fiscalizar, num espichão de pescoço, se o cara está tirando direito o chope. E, não por último, conservar a silhueta sem barriga. ■



Alvaro Costa e Silva, o Marechal, é jornalista e escritor. Os textos publicados nesta edição fazem parte do livro *Dicionário amoroso do Rio de Janeiro*, que integra uma série de livros da editora Casarão do Verbo, em que escritores residentes nas 12 sedes da Copa do Mundo retratam suas cidades em forma de verbetes.

Prêmio Paraná de Literatura 2014 abre inscrições

Em sua terceira edição, o concurso da BPP vai selecionar livros inéditos de autores de todo o país nas categorias Romance, Contos e Poesia

THIAGO LAVADO



Adriane Garcia, vencedora da categoria Poesia em 2013.

A Biblioteca Pública do Paraná (BPP) lança no dia 7 de abril o Prêmio Paraná de Literatura 2014. Como nas edições anteriores, realizadas em 2012 e 2013, o concurso da Secretaria da Cultura do Paraná vai selecionar livros inéditos em três categorias

que homenageiam escritores importantes da literatura paranaense: Romance (prêmio Manoel Carlos Karam), Contos (prêmio Newton Sampaio) e Poesia (prêmio Helena Kolody). No ano passado, mais de 800 obras foram inscritas por autores de todo o Brasil.

O vencedor de cada categoria receberá R\$ 40 mil e terá sua obra publicada pela BPP, com tiragem de mil exemplares. Os premiados também receberão 100 cópias de seus livros e poderão, mais tarde, reeditar os trabalhos por outras editoras. As inscrições são gratuitas e devem ser feitas até o dia 30 de junho (o edital com as regras e instruções está disponível no site www.bpp.pr.gov.br). As obras concorrentes serão avaliadas por uma comissão julgadora formada por um presidente e nove membros (três em cada categoria). O resultado será divulgado na primeira quinzena de dezembro.

Em 2013, os vencedores foram Jaci Palma (*Meu primeiro morto*, romance), Caetano Galindo (*Ensaio sobre o entendimento humano*, contos) e Adriane Garcia (*Fábulas para adulto perder o sono*, poesia). Os livros foram lançados e distribuídos pelo selo Biblioteca Paraná, que também edita autores paranaenses e resgata títulos relevantes que estejam esgotados ou fora de catálogo. No momento, os três autores negociam a reedição de suas obras por editoras comerciais.

“Após duas edições muito bem sucedidas, o Prêmio Paraná de Literatura



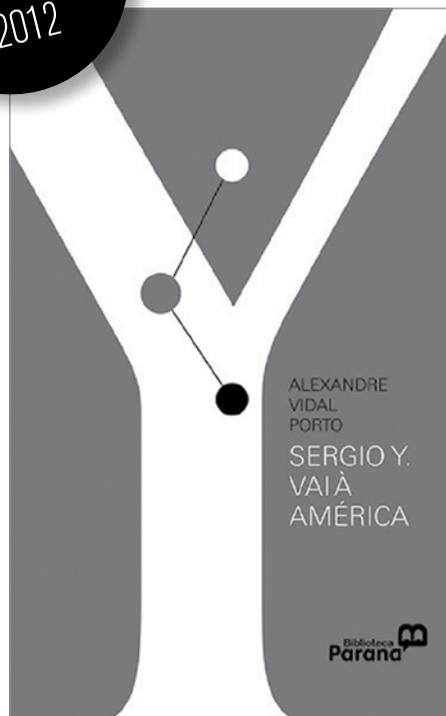
Prêmio Paraná
de Literatura:
Vencedores
2012

se consolidou como uma das principais premiações do Brasil. Tenho certeza de que este ótimo início é fundamental para a permanência do concurso no calendário da literatura brasileira. Leitores e escritores só têm a ganhar com o fortalecimento dos prêmios em todo o país”, afirma Rogério Pereira, diretor da BPP e presidente do júri.

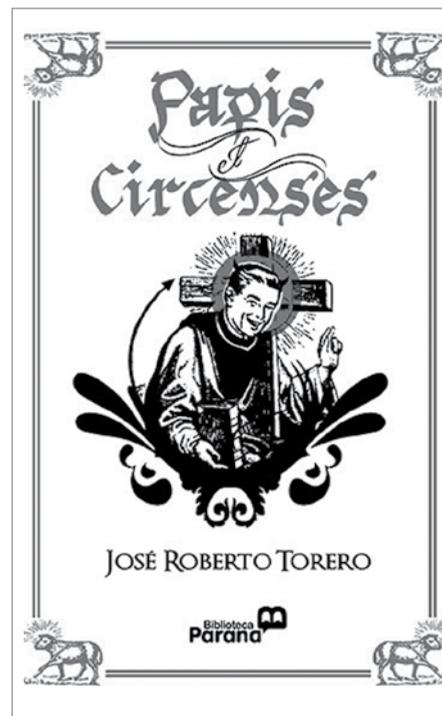
Momento fértil da literatura

Vitorioso em 2013 na categoria Contos, Caetano Galindo destaca a seriedade com que o Prêmio Paraná é planejado e executado. “Só isso já tornaria o concurso relevante. Mas acho que se trata de uma iniciativa que tem tudo para entrar para a história da literatura brasileira e paranaense, até porque coroa um momento particularmente fértil, produtivo, das letras locais”, afirma o tradutor e professor universitário, residente em Curitiba.

Para a poeta mineira Adriane Garcia, autora de *Fábulas para adulto perder o sono*, o rigor na escolha dos jurados e a transparência que envolve todo o processo de avaliação estão entre as marcas do concurso. “A banca é sempre composta de nomes notórios na literatura, seja por seus trabalhos ou por sua lisura. Sendo assim, ganhar o Prêmio Paraná de Literatura é algo que a gente pode afirmar que só acontece por mérito”, diz a escritora de Belo Horizonte, lembrando da participação, nos anos anteriores, de jurados como Alberto Mussa, Raimundo Carrero, Eucanaã Ferraz, José Castello, Luiz Ruffato, Marçal Aquino e Heloisa Buarque de Hollanda. ■



Sergio Y vai à América, de Alexandre Vidal (romance)

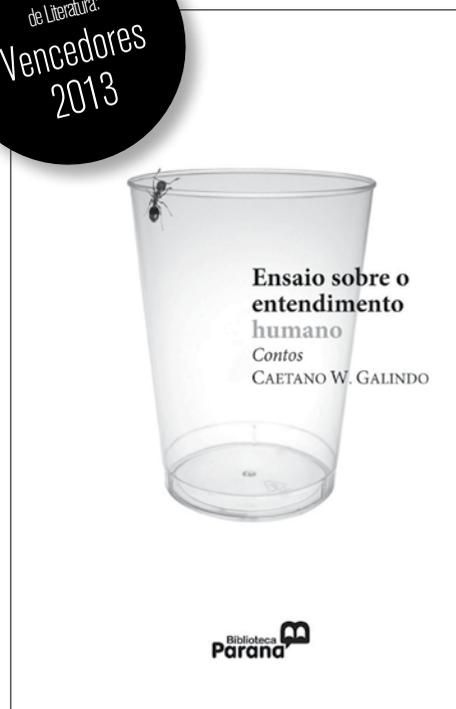


Papis et Circensis, de José Roberto Torero (contos)

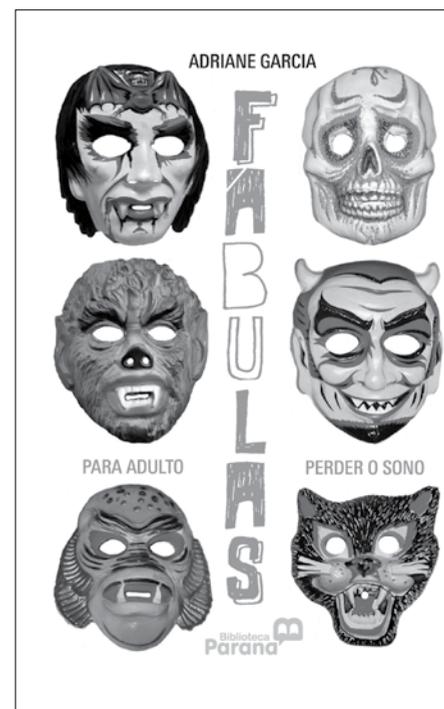


As maçãs de antes, de Lila Maia (poesia)

Prêmio Paraná
de Literatura:
Vencedores
2013



Ensaio sobre o entendimento humano, de Caetano Galindo (contos)



Fábulas para adulto perder o sono, de Adriane Garcia (poesia)



Meu primeiro morto, de Jaci Palma (romance)

A crítica em crise

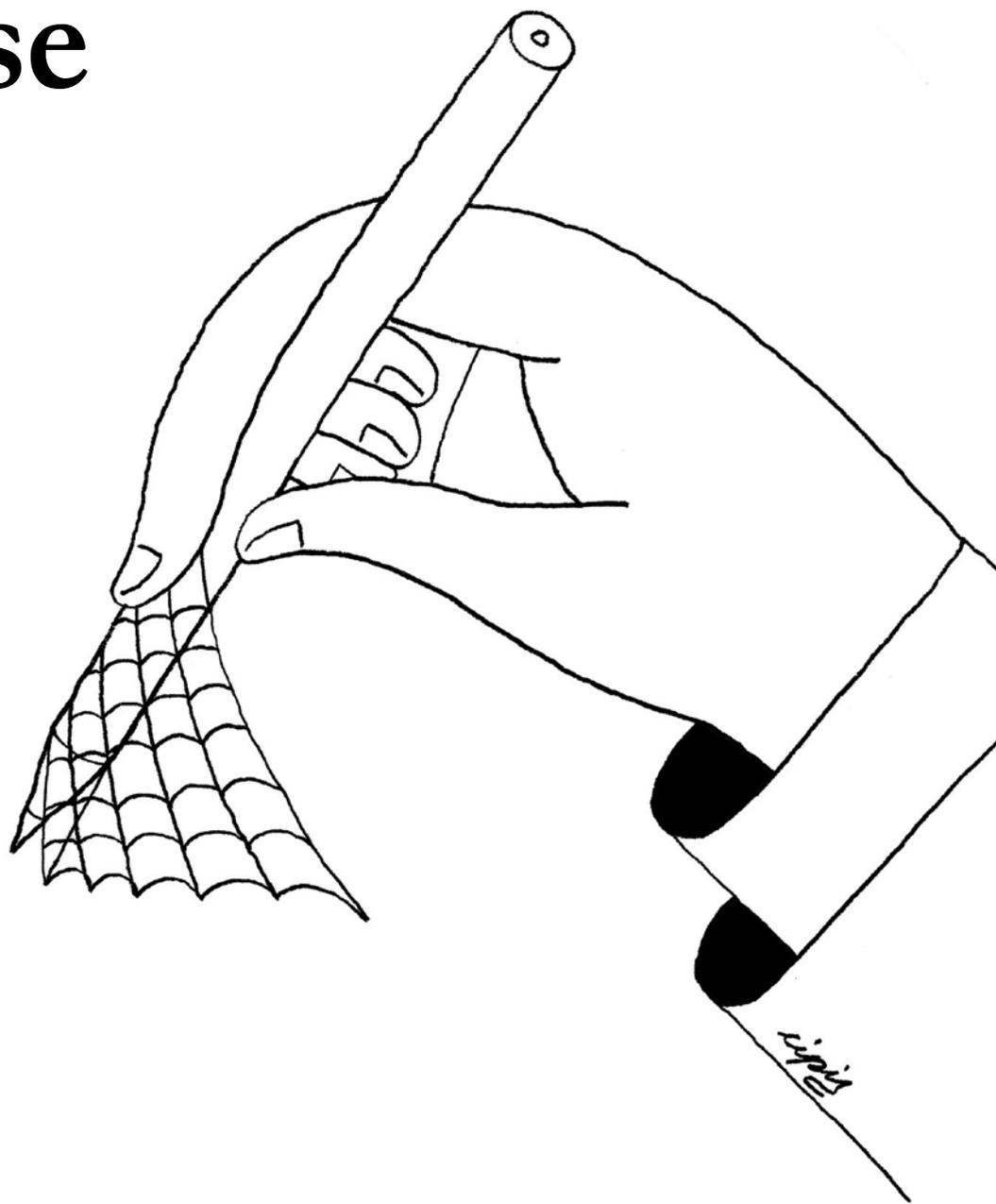
Devido ao espaço cada vez mais reduzido em jornais e revistas, especialistas dizem que a atuação dos críticos literários pode estar à beira da extinção, enquanto outras vozes garantem que a atividade talvez passe pelo seu melhor momento, veiculada agora em plataformas digitais

MARCIO RENATO DOS SANTOS

Em 2014, há crítica literária no Brasil? Existem diferentes e conflitantes respostas para a questão. O professor de teoria literária da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) Eduardo Sterzi afirma que talvez nunca tenha existido tanta crítica literária no Brasil como no tempo presente. Para justificar o ponto de vista, ele apresenta uma lista mostrando onde é possível encontrar crítica literária: livros, revistas ditas acadêmicas, revistas literárias não acadêmicas, revistas de cultura em sentido amplo, jornais alternativos como o *Atual* ou o *Tabaré*, panfletos — como o *Sopro*, publicado pela editora Cultura e Barbárie, sites dedicados à literatura, blogs, redes sociais, etc.

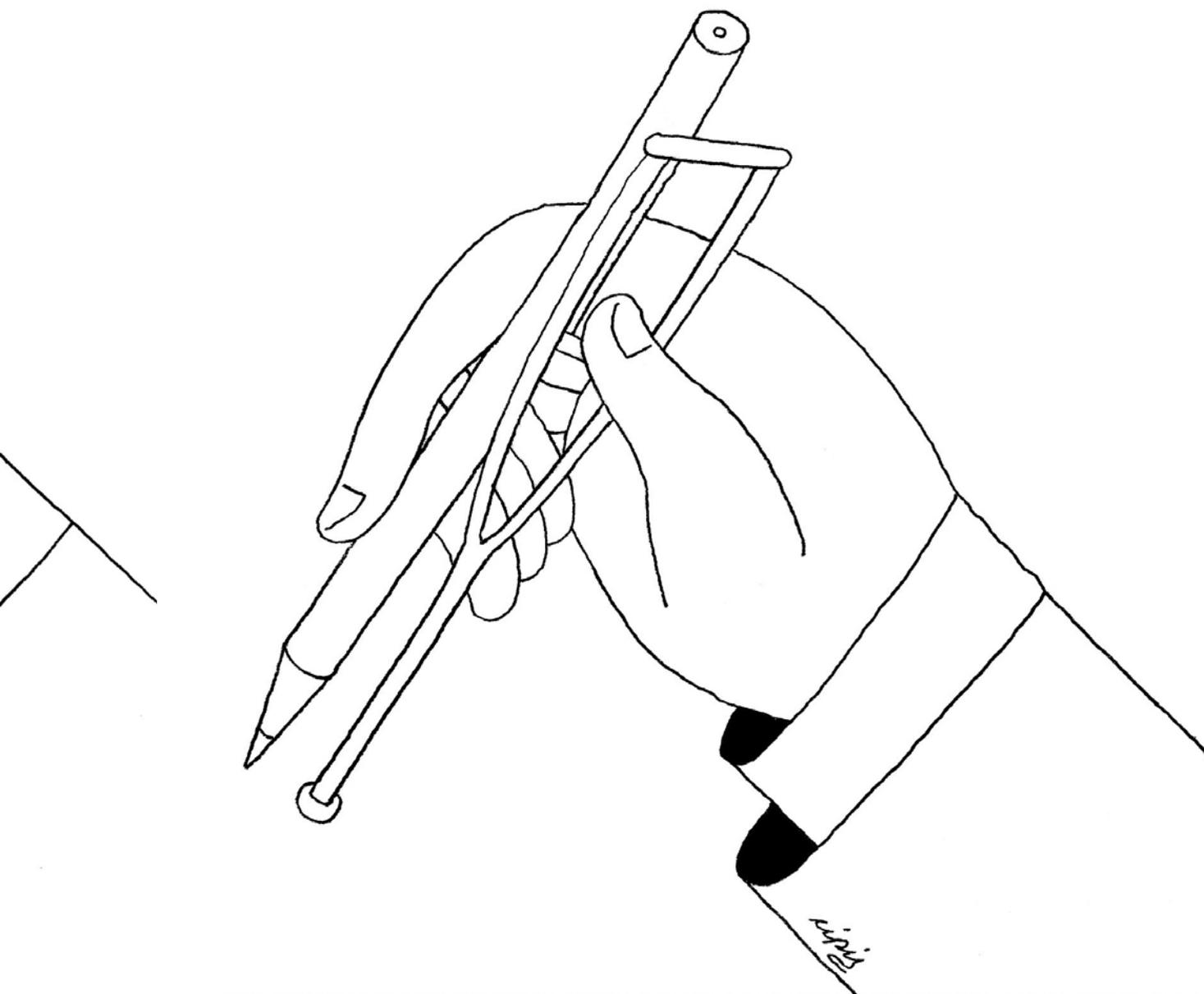
Já Alcir Pécora, a exemplo de Sterzi, também professor de teoria literária na Unicamp, tem outro entendimento a respeito do assunto. Pécora acredita que a crítica literária — no sentido de juízo estético argumentado e sistemático de textos literários de várias épocas e lugares — está quase em extinção. “Na universidade, a tendência é mais para a pesquisa de fontes e o mapeamento histórico, de um lado, e para a teoria, de outro. No jornal, a crítica tende a ecoar os *releases* das editoras que, obviamente, estão restritos a lançamentos do mercado”, diz, completando que, neste momento — pelo fato de o mercado editorial pautar as avaliações — bem mais do que críticos, o que existe são os colunistas literários, meros intermediários entre as editoras e os cadernos de cultura.

Os argumentos de Sterzi e de Pécora, apesar de quase opostos, são coerentes e apontam para uma outra ques-



tão: há uma crise, uma mudança no segmento. Sterzi não acredita que a crítica literária esteja sumindo. Para ele, o que está desaparecendo é o espaço para a crítica nos meios tradicionais, como jornais e revistas. “Como esse fechamento do espaço vai de par com a progressiva perda de importância desses jornais e revistas no debate público sério, talvez não seja algo a se lamentar com grandes ênfases. Não se trata de uma crise da crítica, mas uma crise da imprensa comercial”, opina Sterzi, também autor dos livros de poesia *Prosa e Aleijão*.

José Castello tem noção dessa mudança que a internet provocou na crítica. “Não podemos avaliar a produção da crítica literária considerando apenas a mídia impressa. Hoje existem outras plataformas, igualmente dignas de respeito”, comenta o sujeito que é escritor, autor do romance *Ribamar*, e há sete anos titular de uma coluna de crítica literária publicada todo sábado no suplemento *Prosa&Verso* do jornal *O Globo*, além de manter um blog de literatura no *Globo On Line*.

Ilustrações: **Marcelo Cipis**

“Dou muito mais valor ao que é publicado em blogs e redes sociais do que ao que é publicado em jornais de suposta grande circulação. E isto não só no campo da cultura, mas também, e sobretudo, no da política.”

Eduardo Sterzi, crítico e poeta

Outro tempo de pensar o país

De um fato não há dúvida, nem discordância: durante os séculos XIX e XX, e nos primeiros anos do século XXI, os impressos abriam mais espaço para crítica, não apenas literária, mas também de teatro, cinema e televisão. Alcir Pécora tem uma explicação para o fato: “Havia mais espaço para, por exemplo, crítica literária nos séculos XIX e XX porque ela, a crítica, estava associada, de um lado à construção do estado nacional; de outro, estava associada a valores universais seguros, que

permitiam uma ampla base de acordos nas avaliações estéticas.”

O professor da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas) Marcio Serelle tem uma avaliação do assunto similar à de Pecora. Ele acrescenta que a crítica literária já esteve melhor, do que é hoje, porque a literatura já esteve melhor — no sentido de que sua forma de mediação era central nas sociedades ocidentalizadas. “A cultura do livro era nodal para a intelectualidade e, muitas vezes, a entrada pelo literário era uma forma de pensar, no país,

não apenas os aspectos estéticos concernentes a essa arte, mas a própria sociedade”, argumenta Serelle, doutor em teoria e história literária pela Unicamp.

A escritora Noemi Jaffé, também autora de textos críticos, observa que, no passado, além de mais espaço para crítica nos jornais, havia mais tempo para a leitura de artigos, cartas — “havia cartas” — e críticas. “Isso muda todo o ambiente crítico, porque tempo e espaço são fundamentais. Também tenho a impressão de que, anteriormente, os pares literários resistiam melhor às leituras dos colegas,

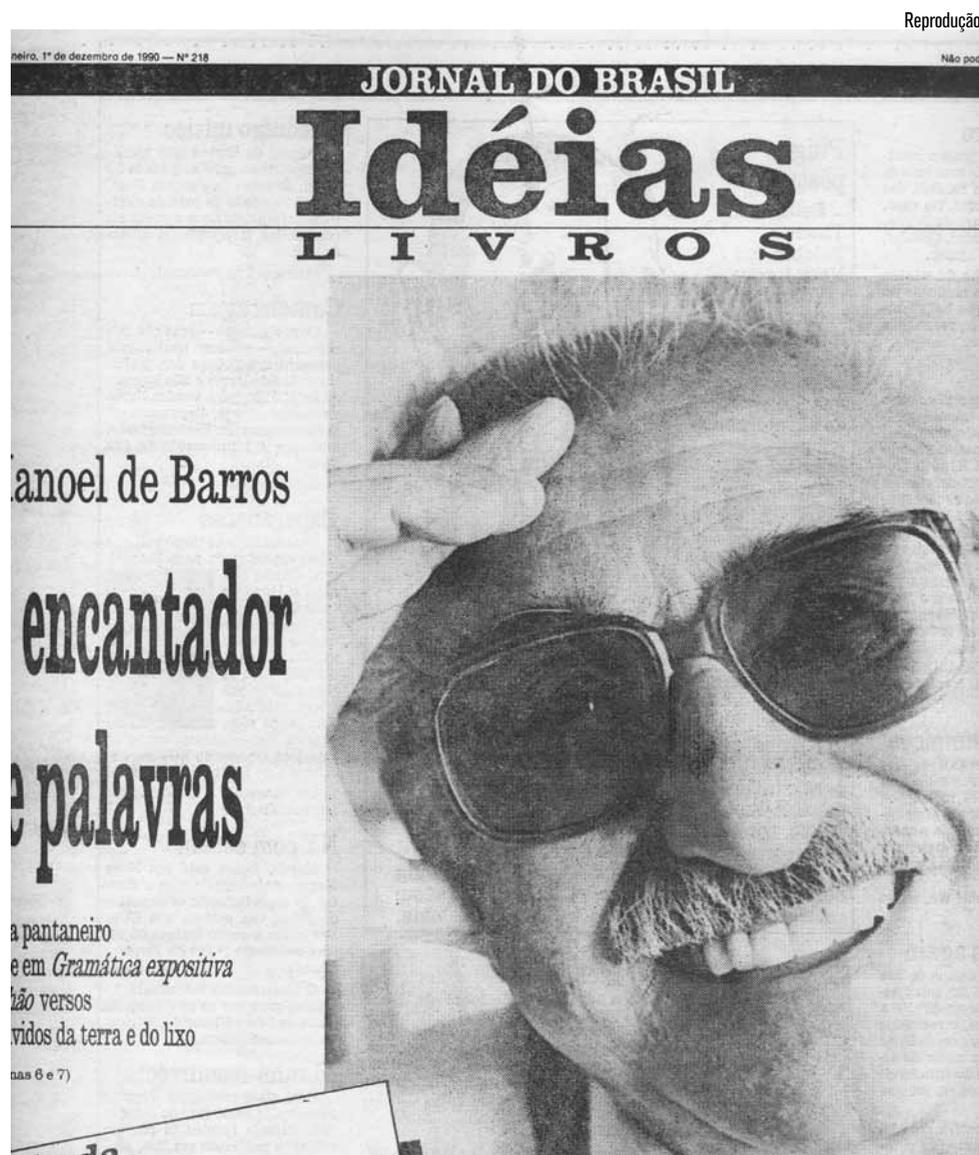
mesmo se fossem negativas. Mas o que diferencia o ontem do hoje tem a ver com a ideia de tempo maior [no passado]”, comenta Noemi.

Do passado, José Castello cita Otto Maria Carpeaux e Alvaro Lins (leia mais nas páginas 26 e 27), para ele, referências no que diz respeito à crítica literária. “Em vez de falar do passado, prefiro falar de hoje”, sugere Castello. Ele salienta que os críticos de formação mais densa continuam a ser importantes referências em meio ao grande burburinho que emana da mídia e, em especial, da mídia eletrônica. “Quanto mais disperso se torna um cenário, e a internet hoje é o lugar da dispersão, mais importante se torna termos algumas referências sólidas a que se apegar”, analisa Castello, citando Silviano Santiago, Flora Süssekind, Beatriz Resende, Davi Arrigucci, Leyla Perrone-Moisés, João Cezar de Castro Rocha e Luiz Costa Lima como nomes relevantes da crítica atual.

E o efeito da crítica?

O impacto da crítica, comentam os estudiosos, é relativo. Marcio Serelle, da PUC-Minas, apresenta dois exemplos para comprovar a tese. No início de seu percurso literário, Murilo Rubião (1916-1991) foi criticado por Alvaro Lins, o chamado “imperador” da crítica, que fez restrições ao escritor mineiro, apontando imperfeições que comprometeriam a obra do autor. Os comentários negativos, observa Serelle, não impediram que Rubião fosse, aos poucos, reconhecido — atualmente ele é considerado um dos grandes nomes da literatura brasileira.

“Tudo depende do chamado ‘horizonte de expectativa’ de uma época que, às vezes, é incapaz de identificar, em determinada obra, qualidades que serão reconhecidas posteriormente. Como a recepção de uma obra e de um autor é constantemente atualizada, esse



Capa do extinto suplemento *Ideias*, de 1.º de dezembro de 1990 — que circulava aos sábados no *Jornal do Brasil*. Eram 12 páginas dedicadas à literatura.

movimento pode redirecionar a avaliação crítica de um escritor”, afirma Serelle.

O estudioso da PUC-Minas também recorre a um caso recente, o do escritor Paulo Lins, autor de *Cidade de Deus*, romance bem recebido pelo crítico Roberto Schwarz. “Mas essa boa recepção não impediu que outras críticas, não tão positivas, fossem publicadas posteriormente, num processo de reavaliação da obra”, diz Serelle, acrescentando que a obra de Paulo Lins se afirmou em nossa cultura por causa do cinema — do filme *Cidade de Deus*, dirigido por Fernando Meirelles.

Noemi Jaffé, por sua vez, avalia que uma crítica negativa, mesmo publi-

cada em um veículo de ampla circulação, não é capaz de destruir e, se for positiva, também não é suficiente para alavancar uma carreira literária. Já Eduardo Sterzi analisa que o impacto da crítica depende de quem assina o texto crítico. “Quando o Luiz Costa Lima, o Roberto Schwarz ou a Flora Süssekind escrevem sobre determinado livro, a ressonância continua sendo bem grande, inclusive no plano jornalístico. De resto, constato que, a cada dia, há uma separação maior entre os livros destacados pela crítica jornalística na literatura contemporânea e os livros destacados pela crítica universitária”, afirma Sterzi.

“Reconheço que a mídia impressa, por ser mais seletiva, acaba conferindo mais credibilidade ao que publica. Não que ela seja uma garantia de verdade, mas ela traz uma promessa de verdade muito maior.”

José Castello

Essa separação entre crítica jornalística e acadêmica é recorrente no discurso de quem estuda o assunto. Serelle explica que a crítica de jornal tem a função de avaliar as obras em circulação e de servir como farol orientador para o leitor. Já a acadêmica, que em um primeiro momento não tem compromisso com o padrão jornalístico, não precisa — necessariamente — tratar de obras nem de autores contemporâneos e pode ser mais extensa, reflexiva e aprofundada do que as resenhas jornalísticas.

Alcir Pécora garante que essas divisões existem mas, na prática, não esclarecem nada sobre a questão crítica propriamente

suplemento literário

São Paulo, 27 de junho de 1970, Ano 14, N.º 674

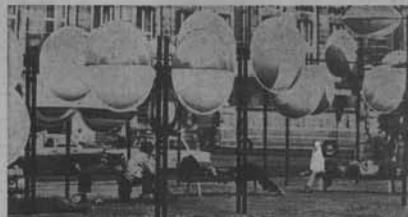
... encontro com Rulfo

Ana Maria Balogh



Capa do lendário "Suplemento Literário" do jornal *O Estado de S.Paulo*, uma edição da década de 1970: considerado um dos mais importantes espaços para o debate literário da história da imprensa brasileira.

Reprodução



Reprodução

Vozes de um mundo

Em "O Esplendor de Portugal", Lobo Antunes transforma a raiva em escrita poderosa.

Bernardo Carvalho
Colaborador da *Folha*

O Esplendor de Portugal é um livro extraordinário. Desde que não se encontram todos os dias, tem um qual-quer país. É óbvio que o título tem a sua ironia, que é das mais convulsivas e impetuosas. Não há grande escritor no mundo que consiga lançar as gírias portuguesas em uma página de narração. A narração que seja crua, lúida, livre e ao mesmo tempo de mão-fria. Tudo isso tem em seus interesses a definição e o tempo, dependendo da extensão da sua potência, contra os interesses de outras nações e culturas, e a despeito de que há de ser a justiça. Toda razão, mesmo se houverem que se acrescentem a

a literatura e o mais negativo, o racismo e o islamismo. **Cosas e meditaciones** Os escritores misturam coisas e expulsores de suas páginas comovidas por os mais meditaciones — ou, no melhor dos casos (quando cultivam de ser verdadeiros artistas), os mais loucos, eficazes pela diversidade de seus projetos. Os que se satisfazem com o estado do mundo em que vivem ou bem são tentos ou bem são cínicos. Assim como Thomas Bernhard está relacionado à Áustria, António Lobo Antunes transformará a raiva da guerra em motor de uma escrita das mais poderosas. É paradoxalmente, assim como Thomas Bernhard em relação à Alemanha, mas

Nos últimos anos, a imagem do autor de "Os Cas de Julia", "Atos dos Dançadores" e "Manual dos Hospitais", entre outros, ficou marcada, graças ao trabalho de vida literária realizado pela mídia, por um perfil ideológico, ainda que discutido. Considerado um dos favoritos ao Nobel de 1996, ao lado de Sartrouge, ele teria se arrastado a tal ponto ao ver suas ideias se dissolverem no ar, com o resultado final de perder o prêmio ao contestarem, que já não procuraria mais conter suas maciças e de rápido a pátria, decidindo estar mais interessado em ser publicado em países onde sua obra é reconhecida com o devido respeito, como a França e a Alemanha.

Logo, ideias e ensinamentos que pouco têm a ver com a obra. E os livros de Lobo Antunes, a despeito do que se diz no livro anterior, são extraordinários. **Manuscrito registrado.** "O Esplendor de Portugal" (1997) é o mesmo romance que você gostaria que nunca chegasse ao fim. Lobo Antunes inventou uma forma narrativa própria, uma marca registada, que consiste em parágrafos interrompidos por frases intercaladas, que formam uma espécie de quebra-cabeça polifônico. São diversos personagens e momentos que vão se sucedendo simultaneamente, em paralelo, e que terminam por estabelecer uma complexidade romanesca muito peculiar.

4 — SUPLEMENTO LITERÁRIO

Últimos livros

Israel! oh Israel!

Wilson Martins

Minhas relações com o Estado de Israel têm sido algo acidentadas. Não digo isso para aumentar ainda mais as preocupações da sra. Golda Meir, mas apenas para propor desde logo a perspectiva pessoal em que as viagens devem ser feitas e em que devem ser lidos os livros de viagem, notadamente o de Erico Veríssimo (*Israel em Abril*, Pórtio Alegre: Globo, 1969). Os três anos que decorreram entre a visita e a publicação do volume foram suficientes, neste mundo vestigioso de excursões interplanetárias e de guerras de religião, para desautorizar-lhe algumas das posições de espírito com que fundamentalmente "via" — e viamos — o Estado de Israel [assim, por exemplo, quando se refere à "assustadora superioridade numérica da RAU" como fator militar significativo (pág. 319)] — e para consagrar-lhe de forma estupefata as qualidades de observação, como no trecho em que situa entre as personalidades cômicas a figura até então relativamente desconhecida e, sem dúvida, menos decisiva, do atual primeiro-ministro de Israel (pág. 269). O "retrato" da sra. Golda Meir é, aliás, um daqueles excertos privilegiados que nos transmitem a síntese estrutural de todo o livro: "A face desta dama denota energia e coragem sem negar bondade e humor. Posso imaginá-la tanto em funções maternais como guerreiras. O nariz longo e bulboso lembra vagamente o do Presidente de Gaulle. Pelos padrões comuns, Golda Meir pode ser considerada uma mulher feia... Mas deixem-na falar, sorrir, acender um cigarro, fazer qualquer coisa que não seja a morte. Sinto agora que está interessada em nós como pessoas. Quer saber de que parte do Brasil somos. Temos filhos? Netos? Quantos? Como não?" (págs. 269-270).

vel decretar a naturalização de estrangeiros de confissão diferente — mas provocaram a imediata anulação do julgado por parte das instâncias políticas e religiosas do país. Discute-se mais do que nunca — e mais dentro das fronteiras nacionais que fora delas — o que é ser judeu; sabe-se com segurança bastante maior o que é o Estado de Israel.

A "experiência socialista" de Israel é ainda interessante sob outros pontos de vista, em particular como ilustração do processo de "capitalização do socialismo" que ela representa, paralelo e complementar à "socialização do capitalismo" que se pode observar nos países chamados ocidentais. Falando sobre o destino do socialismo no mundo, a sra. Golda Meir enuncia a Erico Veríssimo "a necessidade de dar mais atenção aos aspectos espirituais do socialismo. Diante das estatísticas — confessa — está inclinada a admitir que nos últimos tempos Israel se vai aproximando cada vez mais de uma economia capitalista, e que se nota já um certo esmorecimento, que ela deplora, no espírito que criou os kibbutzim e os tem mantido até agora: "É lamentável" — acrescenta — "que os movimentos socialistas de todo o mundo estejam sendo contaminados pela 'mentalidade de consumo' dos países capitalistas" (pág. 271). As leis da economia, e, em particular, da economia industrial, ignoram as distinções e divergências ideológicas. Estado criado em termos realistas e que se defronta a todo o momento com opções e decisões realistas, não surpreende que o Estado de Israel tenha de responder, com urgência maior do que qualquer outro, a esse desafio da realidade. Mas, mesmo do ponto de vista ideológico, a questão é interessante: tendo sido tradicionalmente encaçados como os grandes instrumentos internacionais do marxismo (pelo menos era essa a visão coletiva nos anos 30 e um dos argumentos mais poderosos do nazismo na sua campanha antissemita), os judeus, tão logo adquiriram uma pátria territorial, exigiram-se ou foram erigidos em adversários dos regimes comunistas. A essa luz, o anti-semitismo staliniano, longe de ser, como pretendem descrever-lo para justificá-lo, apenas o desvario senil de um velho camponês georgiano, situa-se na mesma linha de decisões políticas do atual governo soviético; acusados de internacionalismo marxista pelos nazistas, e de imperialismo capitalista pelos comunistas, os judeus acabam

Wilson Martins (1921-2010) tinha espaço fixo no Suplemento Literário do Estadão. O crítico já era reconhecido no segmento desde a década de 1970.

No "Mais!", suplemento dominical da *Folha de S.Paulo*, substituído pelo "Ilustríssima", havia espaço generoso para o debate literário e a participação de colaboradores de peso. Na edição de 16 de janeiro do ano 2000, o escritor Bernardo Carvalho analisou *O esplendor de Portugal*, romance de António Lobo Antunes.



Adélia Prado
Poeta
■ Li e adoro. Gosto demais da conta dele. Por que eu gosto? Porque é poeta de verdade, só isso. O que eu prefiro na obra dele? Tudo.



Gerardo de Melo Mourão
Poeta, secretário municipal de Cultura do Rio de Janeiro
■ Fui o primeiro a divulgar o Manoel de Barros publicamente, quando publiquei um longo trabalho sobre ele num jornalzinho da época da ditadura chamado *Crítica*. Naquela época, acho que só o Antonio Houaiss, o Ismael Cardim e eu conhecíamos Manoel de Barros. Fomos pioneiros em Manoel de Barros.



Ângelo Antonio
Ator da novela *Pantanal*
■ Não conheço bem Manoel de Barros, mas gostei muito dos poucos poemas seus que li, e pude captar a dimensão descritiva do *Pantanal*, um recurso que ajuda a mostrar as revelações interiores que alguém tem quando entra em contato com um universo como aquele.



José Paulo Paes
Poeta
■ Li em 1950 uma antologia da *nova poesia* — da geração de 45, se não me engano —, mas de lá para cá não cheguei a ler livros de Manoel de Barros. Apenas acompanhei sua trajetória pela imprensa, que parece ter confirmado minha boa impressão inicial a seu respeito.



Antonio De Franceschi
Poeta
■ Tive o privilégio de ler este poeta muito exaltado e pouco lido (como aconteceu muito no Brasil). O curioso é que eu tomei conhecimento dele através de uma transcrição de um poema seu num *quadradro* do Millor, e desde aquele momento até agora não me desliguei mais de seus livros, principalmente o bellissimo *Livro das pré-coisas*.



Augusto Massi
Crítico literário e editor da coleção *Claro Enigma*
■ Tive uma oportunidade de ler a poesia de Manoel de Barros graças à professora Berta Waldman, que me emprestou seus livros. Não é o meu poeta predileto, mas respeito muito o seu trabalho. É uma poesia muito depurada, que traz um vigor construtivista desagregador de palavras e de sintaxe. Destaco *Passos para transfiguração*.

Reprodução

"Ideias", do *JB*, editado por José Castello, tinha soluções interessantes para fomentar a discussão literária: diversas vozes, de variados segmentos, comentavam um lançamento ou autor, no caso deste recorte, a poesia de Manoel de Barros.

ditada. “Tanto a crítica universitária quanto a de jornal se encontram num momento ruim”, analisa. O especialista da Unicamp afirma que a crítica universitária vai mal porque, na falta de paradigmas seguros de crítica e com a banalização dos estudos culturais e identitários, ela tende, de um lado, aos mapeamentos de tom neutro e testemunhal e, de outro, à teoria poetizante — que se diz em voz baixa, como reza ou missa de neófitos e convertidos. Já a crítica jornalística, como ele costuma repetir, não passa de colunismo literário — ou seja, badalação das “apostas” das grandes editoras.

Compreender ou julgar?

Eduardo Sterzi entende que a crítica tem de conferir inteligibilidade ao seu assombro diante de determinadas obras. “Isto é, compreender, ou pelo menos esforçar-se para compreender, especialmente aquilo que a princípio parece incompreensível, porque desordena nossas concepções até agora preponderantes de literatura, obra, texto, forma e autoria”, diz Sterzi, para quem um crítico não deve, jamais, pôr o ato de julgar à frente do esforço para compreender.

Alcir Pécora concorda com Sterzi nesse ponto: o crítico precisa estar mergulhado no legado cultural e, ao mesmo tempo, não formular juízos sem, antes, descobrir o decoro próprio das obras que examina. Mas Pécora faz uma ponderação. “Essa dupla submissão nada tem de servil: não se trata de falar bem sempre. Isso é papel do colunista literário. O crítico se submete ao objeto para descobrir como foi produzido e para avaliá-lo no conjunto do legado cultural efetivamente existente. Se a obra não apresentar novidade em relação a esse legado, deve ser desqualificada como obra de arte”, afirma Pécora.

O veterano professor da Unicamp também é conhecido pelos textos publicados na *Folha de S.Paulo* e na revista *Cult*, em geral, conteúdos que esquentam a temperatura da edição devido à

exigência do crítico — ele raramente avalia positivamente, por exemplo, uma obra de um autor brasileiro contemporâneo. “Não tenho critérios absolutos ou pré-determinados. Para a *Folha*, salvo casos excepcionais, nem eu sugiro, nem alguém solicita: eu escolho escrever sobre uma obra entre as possibilidades apresentadas pelo responsável pela seção de livros. Mas, em geral, o responsável, quando me conhece bem, já me sugere livros que estão no horizonte daqueles que eu gostaria de fazer”, afirma Pécora, explicando o seu processo de seleção de títulos para comentar na imprensa.

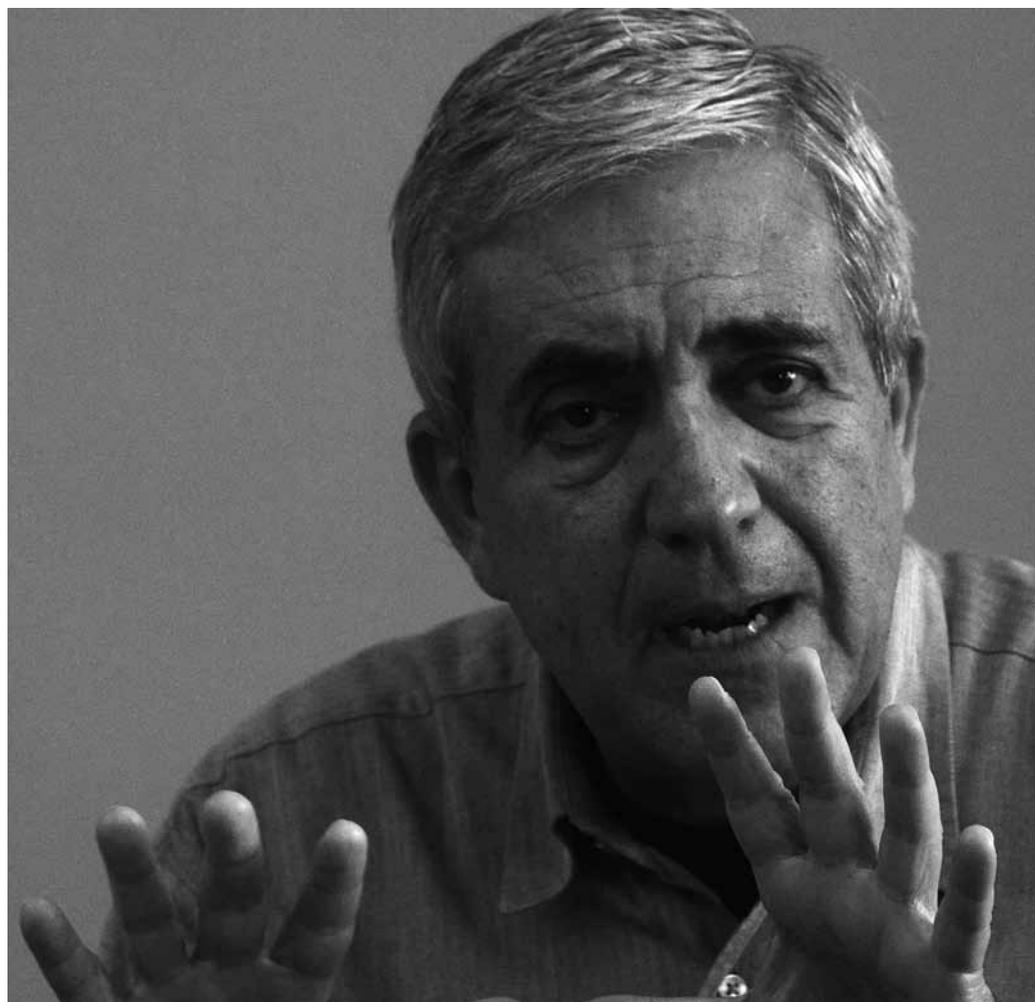
“A crítica não perdeu por completo a sua importância. Um olhar ‘cultivado’ sobre a arte literária que ajude a iluminar pontos cegos de uma obra é sempre bem recebido, porém o texto da crítica está agora em diálogo com muitos outros, inclusive aquele produzido pelo leitor [em blogs e nas redes sociais].”

Marcio Serelle

José Castello diz se pautar pela agenda dos lançamentos editoriais. “No mais, meu critério para escolher um livro é, antes de tudo, pessoal. Recebo muitos livros e, é claro, não teria tempo para ler todos eles. Folheio, sondo, busco um fio que me interesse e então o sigo”, conta. O crítico do jornal *O Globo* afirma que negocia as suas escolhas com a editora do “Prosa&Verso”, Manya Millen. E, mais do que tudo, Castello faz questão de ressaltar a sua condição de leitor comum. “Em minhas críticas faço o relato de minha leitura pessoal. Como se eu fizesse uma viagem à Ásia

e depois escrevesse uma carta para meu leitor relatando o que vi, o que senti, no que pensei, que imagens vieram à minha mente”, diz, definindo a sua maneira de escrever crítica literária.

Pécora lembra, ainda, que um crítico só não poder ser estúpido, desonesto e ignorante, “o que é absolutamente facultado ao artista. Vários grandes [artistas] foram isso tudo, com todos os méritos.” E Eduardo Sterzi, mais do que enunciar, faz uma pergunta que — por que não? —, pode definir a atividade de um crítico: “Não será a crítica literária também uma modalidade de ficção?”. ■



Atualmente a crítica literária tem espaço tanto na imprensa tradicional, no caso de *O Globo*, com a atuação de José Castello (acima), e também de Noemi Jaffe (no alto, à direita), na *Folha de S.Paulo*. Já Eduardo Sterzi (à direita) prefere a plataforma digital, seja blogs ou redes sociais, ou jornais impressos alternativos.

Foto: Divulgação



“O papel do crítico é, acima de tudo, servir à literatura e aos leitores. Nem a si mesmo e nem aos autores, às editoras e aos veículos de divulgação. É importante também que ele assuma uma linguagem própria — poética ou objetiva — para que os leitores também compreendam a própria crítica como uma narrativa e não como uma verdade inquestionável.”

Foto: Kraw Penas



Foto: Divulgação



Crítica literária *hoje*

O crítico e professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UFRJ) **João Cezar de Castro Rocha** sugere que o atual momento, dominado pelas novas tecnologias de mídia, pode ser uma oportunidade para a reinvenção da crítica literária e o reconhecimento da força da literatura brasileira contemporânea

A simples pergunta sobre a crítica literária hoje esclarece o ponto de vista do interlocutor. Pelo avesso, a ênfase no advérbio sugere a convicção de que a crítica literária é uma atividade cujos melhores dias pertencem a um distante ontem.

Tenho escrito muito acerca desse ânimo: trata-se, propus, da “melancolia chique”.¹ Ela tem como base a anacrônica projeção, no complexo aqui e agora, de uma inexistente fase áurea, na qual críticos teriam sua voz admirada e seu papel social valorizado.

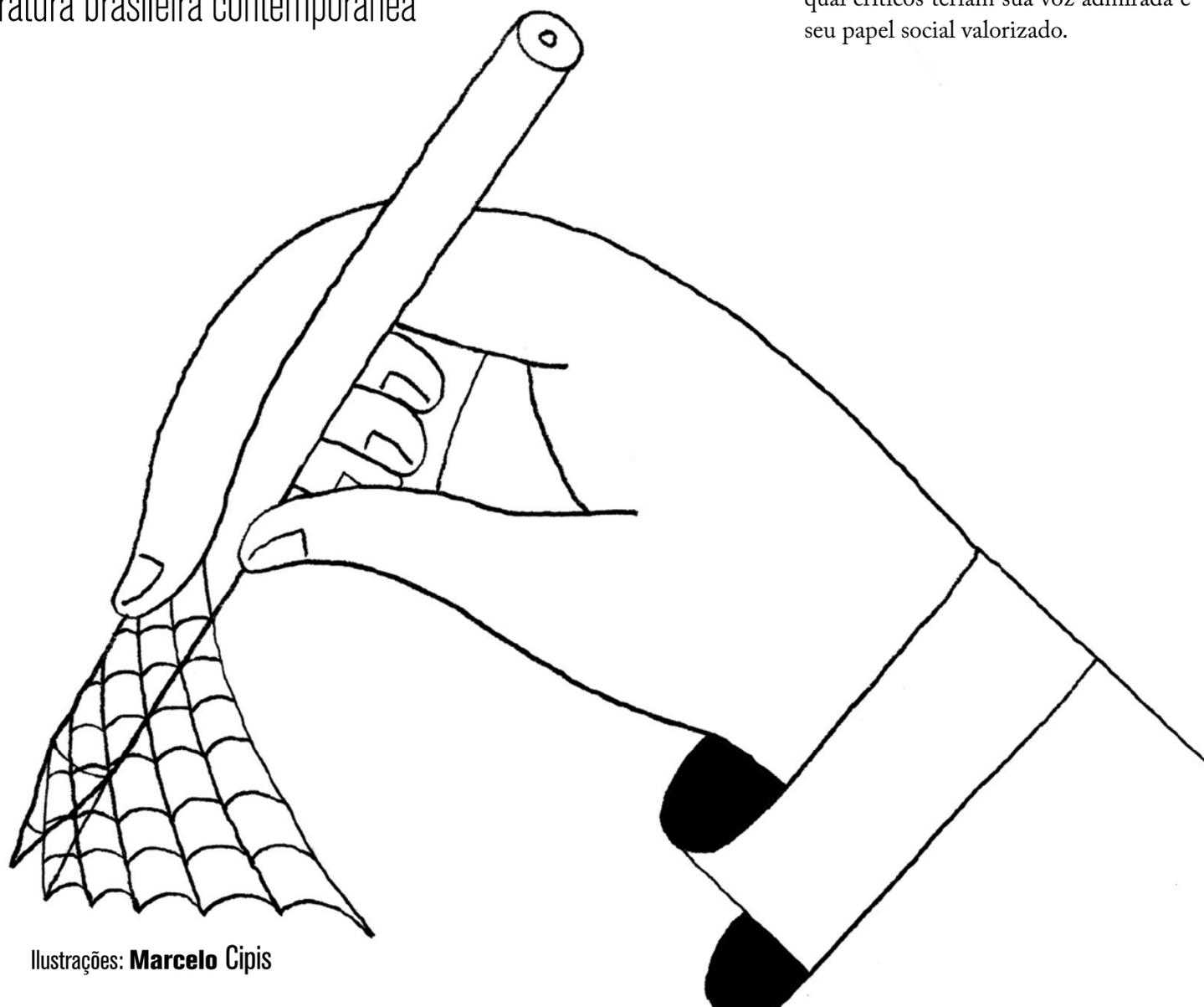
Noutra ocasião, busquei reconstruir a história do cisma entre cátedra e rodapé. Vale dizer, a querela entre o exercício crítico desenvolvido na universidade, movido pelo tempo próprio à pesquisa, e a prática diária da imprensa, pautada pelo calor da hora.² Porém, argumentei, não somente a crítica literária perdeu espaço no jornalismo pós-1945. Na verdade, todas as seções de opiniões foram progressivamente substituídas pelo apego ao fato, pela ânsia do “furo”, pelas regras rígidas para a redação “objetiva” de artigos. O problema era mais geral, referindo-se à imposição do modelo norte-americano de jornalismo.

Insisti, por isso, na necessidade de desdramatizar a tão propalada crise da crítica literária e da literatura brasileira contemporânea.³ Para explicitar minha perspectiva, tanto analisei o jornalismo cultural brasileiro, quanto resenei um número razoável de romances, além de dedicar-me a estudos de caso de autores determinados. Por fim, cheguei a arriscar a escrita de panoramas do atual cenário da literatura brasileira.⁴

Desta vez, pretendo abordar o tema a partir de um novo ângulo.

A questão-chave para a reformulação do problema exige uma reflexão alternativa acerca do deslocamento do literário ocorrido nas últimas décadas. A literatura — e suas instituições, entre elas, a crítica literária — ocupou por séculos o centro da transmissão de valores; daí, sua importância social pretérita. *Hoje*, contudo, a literatura foi substituída na circulação de ideias e na formação de símbolos pelo universo audiovisual e digital.

A reflexão mais urgente diz respeito às consequências desse deslocamento. Em outras palavras, como escrever literatura nessa constelação?



Ao contrário de séculos de tradição, nos quais o autor podia supor uma certa imagem de seu público, *hoje* não se pode mais ter certeza sequer da existência prévia desse mesmo público. No mínimo, a disputa pela atenção do leitor deve levar em conta a pluralidade dos meios disponíveis.

Ora, Cervantes inaugurou o romance moderno com uma exortação reveladora: “*Desocupado lector* (...)”. Os adjetivos sucedem-se no “prólogo” de *Don Quijote*: “lector caríssimo”; “libre”; “lector suave”. Numa palavra, o acesso ao mundo passava pelo universo letrado.

Em *Mimesis*, o mais impressionante réquiem do mundo criado pela centralidade do literário, Erich Auerbach desatou as pontas dessa tradição com idêntico vocativo, mas em direção oposta. Recordem-se as primeiras palavras de seu ensaio: “*Die Leser der Odyssee* (...)”. Assim: *Os leitores da Odisseia*: sem qualificativo algum, como se sua possibilidade fosse antes uma miragem; abstrata precisamente em sua concretude marmórea.

O próprio Auerbach foi o primeiro crítico de renome a observar os limites do literário numa era audiovisual.

Recupere-se sua lucidez:

O cinema cuja técnica permite dar-nos, em alguns instantes, toda uma série de imagens que constituem um conjunto simultâneo de fenômenos ligados ao mesmo tema, forneceu ao perspectivismo um dos novos meios de expressão, conforme à realidade múltipla de nossa vida. A arte da palavra não pode obter resultados iguais; mas, se ela é incapaz de levar o perspectivismo dos fenômenos exteriores tão longe quanto o cinema, e, no entanto, a única capaz de exprimir um perspectivismo histórico da consciência humana e de reconstruir-lhe, dessarte, a unidade.⁵

Tal análise comparada de meios distintos de expressão estimula um interessante paralelo com Walter Benjamin e sua preocupação com novas tecnologias

de comunicação. No último capítulo de *Mimesis*, Auerbach insistiu na análise:

Neste último caso, poder-se-ia presumir que o escritor tem a intenção de aproveitar para o romance as possibilidades estruturais que oferece o cinema; estaríamos, porém, na direção errada, pois uma tal concentração de espaço e tempo, como o cinema é capaz de atingir (...) nunca poderá ser atingida apenas pela palavra escrita ou lida.⁶

Por isso mesmo, Auerbach concluiu:

Simultaneamente, porém, o romance conheceu, a partir do cinema, com uma nitidez nunca antes atingida, os limites da sua liberdade no tempo e no espaço que lhe são impostos por seu instrumento, a linguagem. Desta forma, a relação é a inversa da anterior, e o drama cinematográfico tem possibilidades muito maiores de estruturação espaciotemporal dos objetos que o romance.⁷

O problema multiplicou-se exponencialmente, com a proliferação das tecnologias digitais e a profusão das redes sociais.

A pergunta-chave, então, retorna: como escrever literatura nessa constelação? Na cena internacional, um autor como David Foster Wallace construiu sua obra como uma forma aguda de elaboração desse dilema.

De igual modo, a relevância da crítica literária depende do enfrentamento do mesmo desafio. Nesse sentido, a marginalidade de seu espaço no jornal — em aparência, o estopim deste número de **Cândido** — deve ser assumida como o lugar próprio do exercício crítico em 2014.

No entanto, compreendida sob um ponto de vista nada apocalíptico, a perda da centralidade da literatura e da crítica literária pode apresentar uma oportunidade única.

A reinvenção da crítica literária e o reconhecimento da força da literatura brasileira contemporânea exigem uma nova perspectiva. Necessitamos plasmar

noções novas, a fim de dialogar com as condições definidoras das primeiras décadas do século XXI.

O primeiro passo demanda a reavaliação do sentido da inegável perda de centralidade da literatura e da crítica literária na transmissão de valores num universo dominado por meios audiovisuais e digitais. O fato é incontestável, mas sua interpretação melancólica deve ser questionada.

Proponho uma hipótese: a perda da centralidade “libertou” a literatura do pálido papel de arquivo da nação — empenho que dominou a disciplina História da Literatura no século XIX e na primeira metade do seguinte. O compromisso com a afirmação da nacionalidade foi o passaporte que abriu as portas da profissionalização acadêmica. Os estudos literários se converteram em respeitável disciplina universitária, mas sob a condição de valorizar o verbo pátrio — expressão que recorda a dicção grandiloquente dos professores oitocentistas.

De igual modo, a perda da centralidade também “libertou” a literatura da obrigação de antecipar o eterno retorno da literariedade. Eis o autêntico fantasma que assombra a disciplina Teoria da Literatura. Confundiu-se, porém, a necessária preocupação teórica com determinação dogmática do que deveria constituir a “melhor” literatura. Tal fenômeno resultou na redução drástica do repertório de leitura dos professores universitários — curiosa grei, cujo hábito definidor é a procura exclusiva de textos que confirmem os pressupostos defendidos por este ou aquele grupo.

(Picasso gostava de dizer que não buscava, encontrava, mas, claro, isso depois de pesquisas exaustivas. Pelo contrário, os professores comprometidos com este ou aquele corpus doutrinário sempre encontram, precisamente porque não buscam...)

A liberdade produzida pela perda da centralidade do literário tem

estimulado um dos veios mais instigantes da literatura brasileira contemporânea, cujo eixo é a reflexão sobre a importância possível da literatura no cenário atual. Aqui, destacam-se, entre outros, Bernardo Carvalho, Michel Laub, Carolina Saavedra.

A crítica literária necessita aprimorar idêntico gesto.

Trata-se, assim, de seguir a trilha aberta por Erich Auerbach, inicialmente reconhecendo os limites do literário num universo dominado por tecnologias audiovisuais e digitais. No entanto, em lugar de render-se ao impulso apocalíptico, por que não apostar todas as fichas na busca da especificidade do ato de leitura estimulado por textos literários?

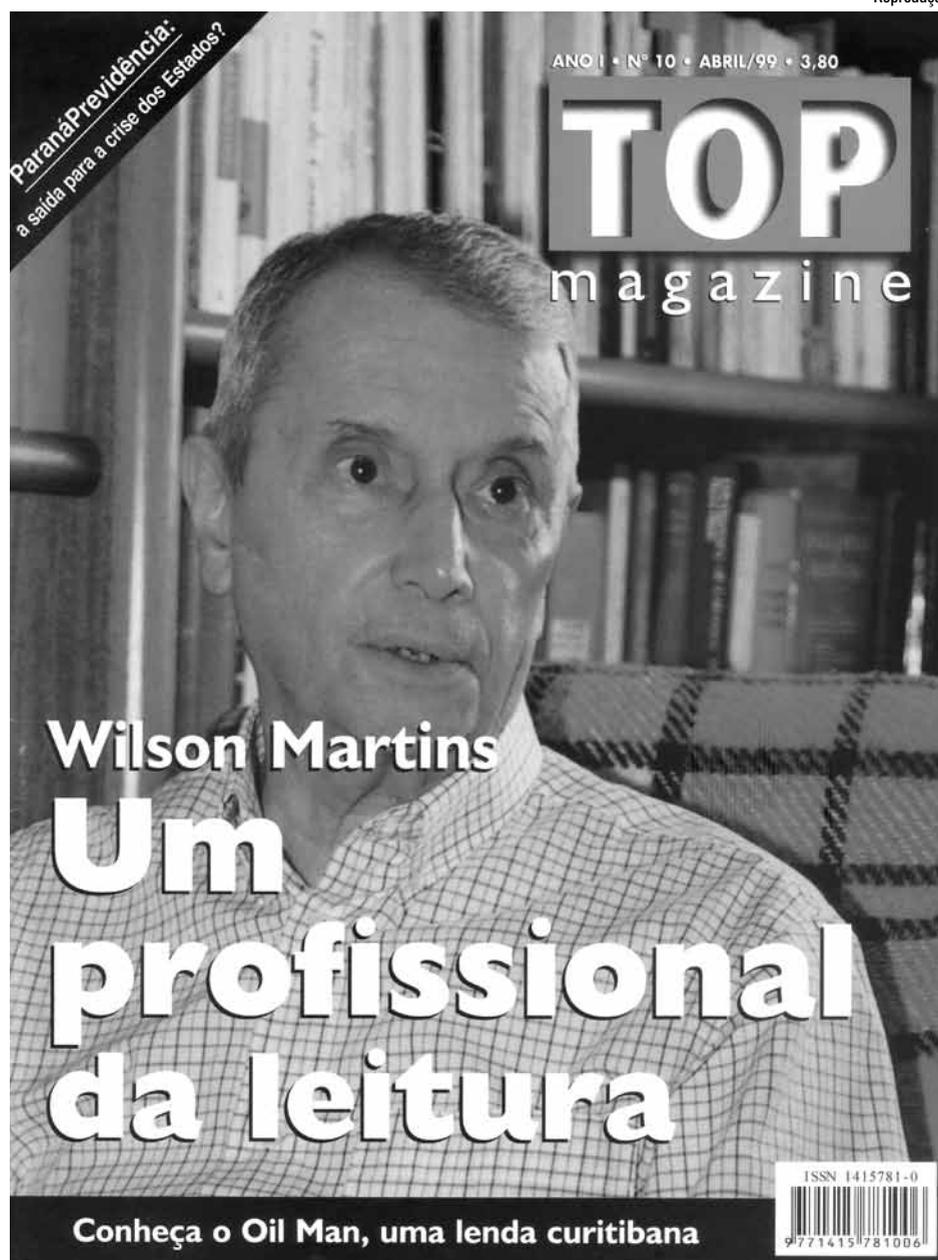
Especificidade que, por efeito de contraste, torna-se sempre mais explícita no mundo contemporâneo. ■

1. Esforço desenvolvido na coluna “Nossa América, nosso tempo”, publicada no jornal *Rascunho*.
2. *Crítica literária: em busca do tempo perdido?* Chapecó: Argos, 2011.
3. “Desdramatizando a crise da crítica”. *O Globo*, Prosa & Verso, 11/02/2012.
4. “Zeitgenössische brasilianische Literatur - ein Überblick”. In: *Zeitgenössische Künstler aus Brasilien*. Göttingen: Steidl, 2013, p. 201-215; “Notas de literatura brasileira”. *Letras Libres*, 2013, p. 109.
5. Erich Auerbach. *Introdução aos estudos literários*. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1987, p. 245.
6. Erich Auerbach. *Mimesis. A Representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976, p. 491-492.
7. *Idem*, p. 492.

 **João Cezar de Castro Rocha** é professor universitário e crítico. Escreveu, entre outros livros, *Literatura e cordialidade - O público e o privado na cultura brasileira* (1998) e *Exercícios críticos* (2008). Vive no Rio de Janeiro (RJ).

Um amigo chamado Wilson Martins

O escritor e jornalista **Marcio Renato dos Santos** conta como conheceu o renomado crítico literário e recupera momentos de sua convivência com o intelectual que lecionou em Nova York, escreveu obras monumentais e, acima de tudo, tentou compreender o fenômeno literário por sete décadas militando na imprensa cultural.



Reprodução

O mestre da crítica literária foi capa da edição n.º 10 da revista Top Magazine, em abril de 1999.

Entrevistar Wilson Martins. Esse seria o meu teste para conseguir uma vaga na *Top Magazine* que passaria a circular em Curitiba a partir de abril de 1999. Eledovino Basseto Júnior, um dos mais competentes jornalistas em atividade na época, coordenava a transição da revista de Ponta Grossa para a capital paranaense. Na realidade, eu iria acompanhar o Eledovino na entrevista. E, às 10h de uma manhã de março, chegamos a um prédio na Avenida João Gualberto, no bairro Cabral, para o compromisso.

O Eledovino fez uma pergunta, no máximo duas, e quase não falou mais nada, observando com atenção, admirado, a conversa entre o Wilson Martins e eu. O resultado? O conteúdo, inicialmente previsto para ser um item secundário, foi para a capa da revista, com o título “Wilson Martins, um profissional da leitura”.

O crítico não disse nada que não tivesse contado em outras entrevistas realizadas anteriormente. No entanto, a maneira segura de enunciar, tudo, provocou impacto, em mim, e também no Eledovino. Martins falou do seu interesse por leitura, desde menino — “às vezes penso que li todo o acervo da Biblioteca Pública do Paraná”, comentou a respeito de seu método — “a minha fórmula é ler deitado: o livro que te adormece, nas dez primeiras páginas, não presta”, definiu a sua atividade — “o crítico é um sujeito que sabe ler e ensina os outros a ler”, entre outros assuntos.

Gravei a conversa, em um gravador de fita K-7, e ao transcrever, escutava, mais de uma vez, o depoimento daquele sujeito que falava com absoluta calma, demonstrando conhecer, a fundo, o seu ofício. Ele defendia teses que poderiam provocar polêmica até hoje. Era, por exemplo, contra o Estado financiar artistas. “Não há exemplo de grande escritor, em qualquer lugar do mundo, que tivesse dependido do incentivo externo para se expressar. Quem tem algo para fazer, faz. O iniciante, inclusive, precisa de obstáculos e desafios.”

A esposa de Martins, Ana, nos ofereceu suco de tomate, torradas, chá e café, mas o Eledovino e eu aceitamos, cada um, um copo de água e nos despedimos após duas horas de conversa.

Quando a *Top Magazine*, com uma foto do crítico na capa, saiu da gráfica, deixei cinco exemplares na portaria do prédio dele, e também um bilhete com o número do meu telefone, caso houvesse problemas no texto — ele poderia solicitar uma errata na edição seguinte.

Wilson Martins me telefonou.

Agradeceu por eu ter sido fiel a tudo o que ele disse. Não entendi e comentei que a obrigação do jornalista é publicar exatamente o que o entrevistado fala. Ele riu. E disse que é comum o repórter distorcer as palavras de quem concede entrevista.

Brasil diferente

Foi possível participar ainda de mais uma edição da *Top Magazine*, que mudaria o nome para *Top View* e teria outra linha editorial, diferente do projeto jornalístico idealizado pelo Eledovino Basseto Júnior. Então, por interferência de Jamil Snege, o Miguel Sanches Neto conseguiu uma oportunidade para eu trabalhar na Imprensa Oficial do Paraná que, em 1999, dava início a um projeto editorial chamado Brasil diferente, em alusão a *Um Brasil diferente*, livro de Wilson Martins sobre o Paraná.

De 1999 a 2002, seriam publicados mais de 100 títulos, entre os quais a reedição fac-similar da revista *Joaquim*, editada por Dalton Trevisan entre 1946 a 1948; *Contos reunidos*, de Newton Sampaio, e *A linguagem prometida*, de Sérgio Rubens Sossélla.

Aquele primeiro contato com Martins teria, inesperadamente, continuidade.

Ele foi o consultor para a edição dos diários do crítico Temístocles Linhares (1905-1993). Os manuscritos renderam seis volumes da série *Diário de um crítico*. Além de decifrar a escrita do autor, foi necessário resolver outro impasse. Nos diários, Linhares comentava sobre a sua rotina, mas também mencionava questões da vida literária e nunca escreveu um nome por extenso, apenas iniciais. Diante de um A. C., às vezes havia dúvida se a personalidade citada era Antonio Candido ou Antonio Callado. Então, era necessário consultar Wilson Martins.

Comecei a frequentar o apartamento de Martins, principalmente para levar ao crítico os diários do Temístocles Linhares. Aproveitava os encontros para comentar as críticas que ele escrevia, publicadas toda semana nos jornais *O Globo* e *Gazeta do Povo*. Terminava a leitura de um texto dele com muitas informações, não apenas sobre um livro e um autor, mas também sobre o período que determinado escritor

viveu e escreveu a sua obra, sobretudo quando Martins comentava algum relançamento.

“É necessário conhecer todo o panorama de uma época, o contexto social, político e religioso de um local onde uma obra foi escrita. Também não dá para fazer um julgamento do passado com base nas ideias atuais. É preciso, enfim, muita cultura para não dizer bobagem”, disse Martins, naquele primeiro encontro. E, durante o convívio, percebi que ele colocava o discurso em prática.

O projeto Brasil diferente foi um sucesso, jornais e revistas de todo o país publicaram reportagens sobre a coleção de livros, ainda hoje lembrada e festejada por alguns. 2002 seria o último ano do segundo mandato de Jaime Lerner à frente do governo do Paraná; portanto, não havia nenhuma possibilidade de os integrantes da equipe de Miguel Sanches Neto, diretor-presidente da Imprensa Oficial, continuarem no órgão público. Martins e Sanches Neto sugeriram que eu fizesse mestrado para ampliar os conhecimentos e também por causa do título. Segui a recomendação deles, fiz a prova na Universidade Federal do Paraná (UFPR), fui aprovado e um novo ciclo se abria para mim, no qual Martins estaria, outra vez, presente.

A academia ou o deboche?

Além do mestrado, a partir de 2003 passei a atuar na Travessa dos Editores, outro emprego intermediado por Jamil Snege. Se durante as manhãs eu tinha o imaginário povoado por um discurso acadêmico, depois do meio-dia era o momento de conviver com Fábio Campana, Wilson Bueno e Snege, um trio que teve formação autodidata e, até por isso, três sujeitos de mentalidade antiacadêmica.

Campana, Bueno e Snege eram incendiários, caóticos, debochados, irreverentes e desconstrutores, inclusive de biografias alheias. Exatamente o

Arquivo pessoal do crítico



Em 1938, em Ponta Grossa: Martins era o editor do jornal *Diário dos Campos*.

oposto do que eu encontrava nas salas de aula e nos corredores da universidade. Acima de tudo, o trio era generoso. Eles me incentivavam a publicar ficção, que comecei a mostrar na revista *ETC*, da Travessa dos Editores, e nas páginas do jornal *Rascunho*, para onde produzi resenhas por dez anos.

Entre os dois mundos, a UFPR e a Travessa dos Editores, continuei em contato com Wilson Martins. Por telefone e pessoalmente. Quase todos os dias. E, apesar da proximidade, sentia vergonha, medo mesmo, de desenvolver algum discurso a respeito do universo literário diante dele. Wilson Martins era o sujeito que havia lecionado na UFPR e, de 1965 a 1991, foi professor titular de literatura brasileira na Universidade de Nova York. O mestre da crítica pesquisou por anos antes de escrever obras como *História da inteligência brasileira*, dividida em sete volumes e mais de três mil páginas — um

amplo estudo a respeito da manifestação cultural em nosso país, além de *A crítica literária no Brasil* e *O modernismo* — em segunda edição com o título *A ideia modernista*.

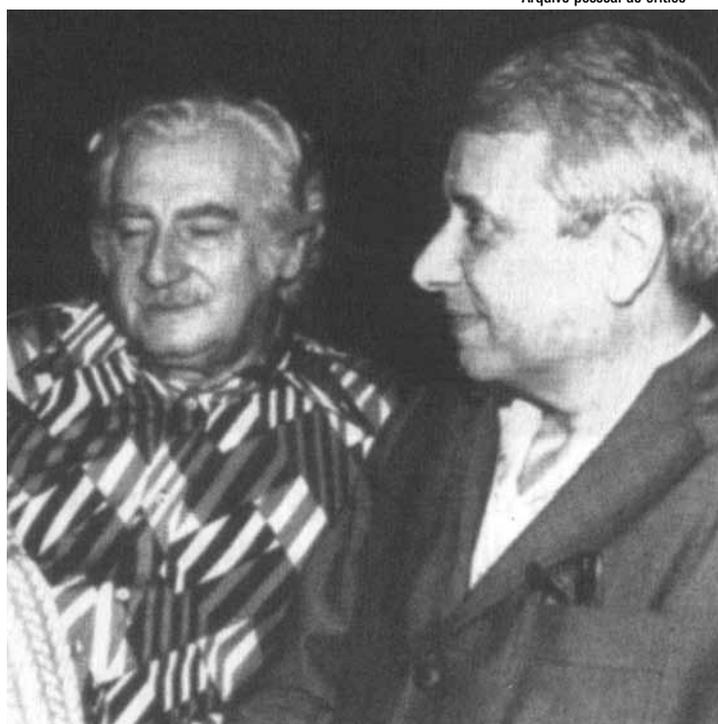
Diante de Martins, a quem sempre chamei de senhor Wilson, havia reverência.

Tinha a impressão de que ele conhecia todos os livros e todos os autores, e isso se confirmava a cada novo encontro. Ao citar, aleatoriamente, o nome Marques Rebelo, ele lembrava e discutia *Oscarina*, coletânea de contos do célebre autor carioca, atualmente pouco lembrado pelos jornalistas culturais. Quando Amílcar Bettega lançou *Deixe o quarto como está*, Martins avaliou positivamente o livro e me disse que o escritor gaúcho tinha algo dentro de si: “Esse é um autor, não tenho nenhuma dúvida. Preste atenção no que ele escreve.”

Martins me ajudou, por meio de conversas e sugestões de leitura, no processo da dissertação de mestrado, que defendi em 2005, e também em outras situações. Quando acabou a minha temporada na Travessa dos Editores, no final de 2007, fiquei sem saber para onde ir. “Vá até a Praça Carlos Gomes [endereço da *Gazeta do Povo*], peça para falar com a Ana Amélia Filizola [uma das proprietárias], se apresente e ela irá te contratar.” Essa foi a sugestão dele. Não sei se eu conseguiria realizar o que o crítico, e naquele contexto, já um amigo, recomendou. Mas um encontro com José Carlos Fernandes, um dos mais importantes jornalistas da *Gazeta do Povo*, na Rua XV, no centro de Curitiba, faria com que eu tivesse acesso a três anos e alguns meses dentro da redação do mais importante jornal paranaense.

Adeus, Mestre — e amigo

O crítico foi secretário de redação do *Diário dos Campos*, de Ponta



Grandes nomes da literatura brasileira, como Jorge Amado, dialogavam com Wilson Martins.

Grossa, em 1938. Ele comentou, mais de uma vez, que trabalhar dentro de um jornal ajuda a conhecer o ser humano, pelo fato de haver muitas pessoas, e vaidades, uma muito próxima da outra, atuando sob pressão. Fiquei três meses no noticiário geral, outros três na política e, em seguida, fui admitido na equipe do “Caderno G”.

Em alguns sábados, dividi a mesma página do caderno de cultura com o mestre. As resenhas que eu fazia sobre livros de autores brasileiros eram publicadas aos domingos e diariamente saía pelo menos uma matéria minha no jornal. Martins telefonava para comentar os textos. Em 2008, fui a Paraty fazer a cobertura jornalística da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), o que rendeu inúmeros textos e elogios do crítico — ele disse que realizei um trabalho razoável (ou honesto?, não lembro) no badalado evento literário.

Alguns textos de Martins começaram a apresentar problemas, mínimos,

Arquivo pessoal do crítico



Wilson Martins com Joaquim Inojosa, Plínio Doyle, Américo Jacobina Lacombe, Raul Bopp e Carlos Drummond de Andrade no Rio de Janeiro em 1964.

durante 2009. Nada grave, mas, por exemplo, determinados raciocínios não se completavam. Nas conversas com o crítico, tudo parecia normal. Mas um amigo comentou que ele poderia estar doente. Então, a editora-executiva do “Caderno G”, a jornalista Marleth Silva, pediu para eu começar a pesquisa e as entrevistas para a homenagem póstuma.

O poeta e ensaísta Affonso Romano de Sant’Anna me disse, quando o procurei para dar um depoimento sobre Martins, que ele também recebeu uma encomenda similar, no caso, a respeito de Carlos Drummond de Andrade. Sant’Anna comentou que era complicado conversar diariamente com Drummond e ao mesmo tempo preparar o obituário dele. Eu fazia o mesmo.

31 de janeiro de 2010, um domingo. Oscar Röcker Netto, o chefe de redação da *Gazeta do Povo*, me telefona. Eram 8 horas. Wilson Martins havia morrido no dia anterior, 30 de janeiro, às 20h55. Eu estava de plantão. Röcker

Netto me informou onde o corpo estava sendo velado, e fui até o Cemitério Luterano de Curitiba. Passei algumas horas no velório, entrevistei parentes e amigos de Martins e, então, segui para a redação da *Gazeta do Povo*.

Duas páginas do primeiro caderno estavam reservadas, além da chamada na capa. Eu havia preparado linha do tempo, com a cronologia da vida e obra de Martins. Apesar do impacto emocional, foi possível organizar as informações e os depoimentos, entre outros, de Alcir Pécora, André Sefrrin, Ivan Junqueira e Moacyr Scliar. Consegui escrever quatro textos em menos de quatro horas.

No dia seguinte, 1º de fevereiro, li na edição impressa o material. Escrevi que ele foi um dos últimos intelectuais que pensaram a cultura de forma ampla, e não generalista, no Brasil. Resaltei que Martins buscou independência para escrever o que pensava e, para isso, evitou conviver com escritores. Também

Arquivo pessoal do crítico



Reprodução

LEGADO

Protagonista da inteligência nacional

Escritores brasileiros comentam o legado e a importância de Wilson Martins para a vida cultural brasileira

NOTORIEDADE

O intelectual que mais deu visibilidade ao Paraná

LINHA DO TEMPO

Saiba mais sobre a trajetória de Wilson Martins:

1921 - Nascimento, em São Paulo (SP).

1938 - Secretário de redação do jornal *Dilríon dos Campos*, em Ponta Grossa.

1943 - Bacharel em Direito pela (então) Universidade do Paraná, posteriormente chamada UFRPR.

1951 - Nomeado para lecionar Língua e Literatura Francesa na Universidade do Paraná. Em 1952, obtém o título de Doutor em Letras pela UFRPR, e toma-e a partir disso, Catedrático de Língua e Literatura Francesa, até 1962, nessa instituição.

1955 - Publica, como selo da editora paulista Anhembi, o livro *UFRPR - Brasil Diferente*, a respeito do processo de aculturação no Paraná.

1962 - Professor visitante na Universidade de Kansas (EUA).

1963 - Professor visitante na Universidade Wisconsin-Madison (EUA).

No final de 2008, a *Gazeta do Povo* promoveu uma enquete com a finalidade de apontar os paranaenses de maior expressão em todos os tempos. O ex-governador Bento Munhoz da Rocha Netto ficou em primeiro lugar. Na enquete, chamava a atenção o voto de Miguel Sanches Neto. Ele votou em Wilson Martins: "um homem que escreveu milhares de artigos, que publicou o maior ensaio sobre a cultura brasileira." Martins, apesar de ter nascido em São Paulo, passou a viver em Curitiba na década de 1930 e aqui fez a vida. Sanches, quando coordenou a Imprensa Oficial do Paraná, presidiu o projeto editorial com o nome *Brasil Diferente* (Martins escreveu um livro chamado *Um Brasil diferente*). Mas Sanches também editou uma obra em homenagem a Martins, chamada *Mestre da crítica*. "Mestre da crítica que ser um brinde à grandza do intelectual que mais deu visibilidade ao Paraná".

que for necessário, quando for necessário", costumava repetir Martins.

O poeta Afonso Romano de Sant'Anna acredita que a está ao lado do crítico. "A obra de Wilson Martins crescerá com o tempo. O presente, embaralhado nas limitações e mesquinhas da vida literária, não teve condições de lê-lo com a objetividade que merece. Por não pertencer a grupos estético-ideológicos, por não fazer a 'vida literária', por ter um temperamento retraído e ter vivido muitos anos fora do país não estabeleceu o 'sistema de alianças' que conduz tantos ao protagonismo cultural", afirma Sant'Anna.

A tese de Sant'Anna, que defende que o futuro reserva um espaço nobre para o legado do crítico, é endossada pelo crítico André Seffrin: "Sua obra é uma síntese de nossa história intelectual, infelizmente ainda subestimada. Creio que escreve para o futuro, para as novas gerações de brasileiros, uma vez que foi um dos poucos historiadores que pensaram o Brasil de maneira ampla e orgânica", afirma Seffrin.

A importância da atuação de Wilson Martins pode ser medida por meio do depoimento do escritor gaúcho Moacyr Scliar. "Wilson Martins foi, para a minha geração literária, uma referência importante, conhecida por seu rigor, por sua honestidade, e por uma cultura verdadeiramente enciclopédica", afirma Scliar, autor de mais de 70 obras.

Scliar, mesmo quando era um estrepante, sabia o que representava ser elogiado por Wilson Martins. Um texto do crítico, favorável a uma obra, fazia do livro em questão, mais que visível, leitura obrigatória.

E isso aconteceu com Scliar. O primeiro livro de gaúcho, *O Carnaval dos Animais*, publicado em 1968 com uma pequena

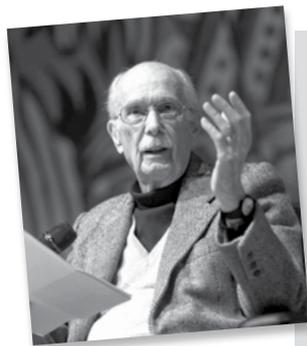
fiz questão de lembrar que, nos 88 anos em que viveu, 70 foram dedicados a ler e a tentar compreender o fenômeno literário. Faltou contar, na reportagem, que ele era gentil e um conversador agradável, tinha senso de humor incomparável e que, para mim, foi um grande — e insubstituível — amigo. ■

Reprodução de parte do especial que a *Gazeta do Povo* publicou no dia 1.º de fevereiro de 2010: homenagem ao mestre da crítica.

 **Marcio Renato dos Santos** é autor dos livros de contos *Minda-Au* (2010) e *Golegolegolegolegah!* (2013). Tem um conto traduzido para o alemão na coletânea *Wir sind bereit* (2013). Jornalista, atua no Núcleo de Edições da Secretaria de Estado da Cultura do Paraná. Vive em Curitiba (PR).



Galeria de críticos



Antonio Candido

Candido estreou como crítico em 1941, na revista *Clima*, fundada por ele e pelo crítico de teatro Décio de Almeida Prado. Em 1959 lança sua obra mais influente e polêmica: *Formação da literatura brasileira*, na qual estuda os momentos decisivos da formação do sistema literário brasileiro. Em 1974, Candido se torna professor efetivo de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo (USP). Fernando Henrique Cardoso e Roberto Schwarz foram alguns de seus alunos. Entre 1956 e 1960 escreveu como colaborador no "Suplemento Literário" do jornal *O Estado de São Paulo*. Em 1978 se aposentou, mas continuou atuando como professor do curso de Pós-Graduação e foi um crítico influente tanto na vida literária como na política, defendendo as ideias do Partido Socialista Brasileiro (PSB) e atuando no Grupo Radical de Ação Popular. Em 2011 Antonio Candido foi o grande homenageado da Festa Literária de Paraty (FLIP).

Silvio Romero

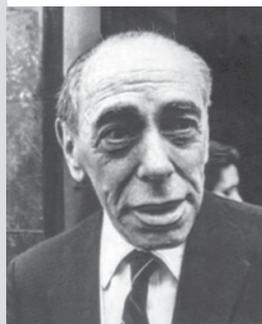
Nascido em abril de 1851, Sílvio Romero foi um dos críticos mais influentes de seu tempo — e também um exímio polemista. Manteve, durante algum tempo, certa má vontade para com a obra de Machado de Assis. Como polemista, destaca-se sua permanente luta com José Veríssimo, de quem o separavam fortes divergências de doutrina, método, temperamento, e com quem discutiu violentamente. Nesse âmbito, reuniu as suas polêmicas na obra *Zeveirissimações ineptas da crítica* (1909). Romero foi um pesquisador bibliográfico sério e minucioso. Preocupou-se, sobretudo, com o levantamento sociológico em torno de autor e obra. Sua força estava nas ideias de âmbito geral e no profundo sentido de brasilidade que imprimia em tudo que escrevia. A sua contribuição à historiografia literária brasileira é uma das mais importantes de seu tempo. Romero faleceu em 18 de julho de 1914.

Guilhermino César

O mineiro Guilhermino César (1908-1993) foi morar ainda menino em Cataguases, onde teve a oportunidade de frequentar o Grêmio Literário Machado de Assis, integrando o grupo que fundou a mítica revista modernista *Verde* em 1927. César chegou a assinar o manifesto Verde ao lado de Rosário Fusco (1910-1977), Ascânio Lopes (1906-1929) e outros. Na publicação modernista, onde César foi redator, havia espaço para colaboração de nomes que se consagrariam nacionalmente, como Oswald de Andrade e Carlos Drummond de Andrade. Posteriormente, viveu uma temporada em Belo Horizonte, onde estudou Direito e atuou na imprensa cultural. Em seguida, migrou para Porto Alegre e se afirmou como cronista e, principalmente, crítico literário no jornal *Correio do Povo*. Lecionou literatura brasileira na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e se aposentou em 1978. Publicou ensaios sobre teatro, história e literatura do Rio Grande do Sul. Em 1990, recebeu homenagem como patrono da tradicional Feira do Livro de Porto Alegre.

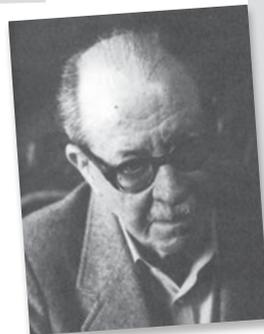
Otto Maria Carpeaux

Verdadeira enciclopédia da literatura universal, Carpeaux (pronuncia-se carpô) é autor da monumental *História da literatura ocidental*, um estudo em que o crítico analisa uma gama enorme de assuntos, todos relacionados com a cultura e literatura ocidentais. Os quatro volumes da *História da literatura ocidental* trazem análises dos mais diferentes movimentos da literatura, como o Classicismo e o Barroco, além de estudos de autores como Cervantes, Shakespeare e Molière. Carpeaux protagonizou também um dos episódios mais pitorescos da literatura mundial. Credor de uma editora falida de Berlim, o crítico foi cobrar a dívida e recebeu a seguinte oferta do editor: "Pagar não posso, querido, mas se você quiser, pode levar, em vez de pagamento, esse exemplar e, se quiser, a tiragem toda. O Max Brod, que teima em considerar gênio um amigo dele, já falecido, me forçou a editar esse romance danado. Estamos falidos. Nem vendi três exemplares. Se você quiser pode levar a tiragem toda. Não vale nada". O livro se chamava *O processo*. E o autor, Franz Kafka.



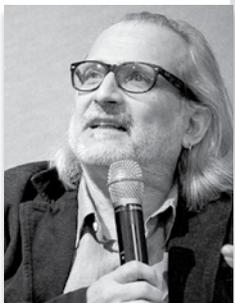
Andrade Muricy

Nascido em Curitiba, em 1895, José Cândido de Andrade Muricy se destacou como um dos principais críticos musicais e literários do Brasil. Formou-se em direito em 1919 e viveu na Suíça de 1923 a 1925. Em 1927, fundou a revista *Festa* e, a partir de 1937, foi crítico musical do *Jornal do Comércio*, onde escrevia regularmente um famoso rodapé. Em 1972, Muricy recebeu o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto de sua obra. Entre seus principais livros, destacam-se *Nova literatura brasileira* (1936), *Panorama do movimento simbolista* (1974) e *Cruz e Souza* (1974).



Alcir Pécora

Alguns ex-repórteres da “Ilustrada”, suplemento de cultura da *Folha de S.Paulo*, contam que, quando a edição de sábado — dia em que há algum espaço para a literatura — não tem conteúdo instigante, o editor tende a solicitar uma resenha a Alcir Pécora. A finalidade, de acordo com o que dizem os ex-repórteres, é esquentar a edição. Ou seja, com a presença de um texto de Pécora, seguramente a edição terá alguma ressonância. O crítico literário, professor da Unicamp, não costuma elogiar escritor brasileiro vivo. Em geral, ele bate. Forte. E há repercussão, choradeira e gritaria por parte de quem leva a pancada e de seus amigos, agregados e fãs. Na revista *Cult*, onde também escreve, a prática é similar. Pécora procura ler e aponta eventuais qualidades, mas, em média, coloca o dedo nas feridas. Jovens escritores paulistanos ou radicados em São Paulo, sobretudo os que frequentam bares da Vila Madalena, não gostam dele. Simplesmente segue a ler e decifrar, de sua maneira, com muito repertório, o fenômeno literário. Não poucos afirmam: “é um dos melhores críticos brasileiros, talvez o melhor.”



Álvaro Lins

Considerado o “imperador” da crítica literária, Álvaro Lins (1912-1970) militava na imprensa há 70 anos, período no qual os cursos universitários de letras quase não existiam e, devido a isso, eram os homens de jornal impresso que analisavam as obras literárias na parte inferior dos diários, os chamados “rodapés críticos”. Nascido em Caruaru (PE), começou a atuar no jornalismo no *Diário de Pernambuco*. Posteriormente, já no Rio de Janeiro, afirma-se como crítico literário no *Diário de Notícias*, nos *Diários Associados* e no *Correio da Manhã*. Lins era respeitado, temido e, não demorou muito, entrou em rota de colisão com outras presenças da vida cultural. Um dos conflitos mais conhecidos de Lins teve como oponente o professor Afrânio Coutinho que, após um período de estudos nos Estados Unidos, retornou ao Brasil anunciando que era a hora de estabelecer uma crítica literária científica. Coutinho queria afinetar Lins e os críticos impressionistas dos rodapés. Lins sentiu o golpe, uma vez que a campanha de Coutinho foi intensa, insistente e contínua. A saída de cena de Lins, nos anos 1970, é o início do fim dos rodapés literários, que teria ainda uma sobrevida com Wilson Martins (1921-2010), considerado, por muitos, o último dos moicanos — leia mais no texto publicado na página 22.



Tristão de Athayde

Alceu Amoroso Lima (1893-1983) fez história na imprensa brasileira usando o pseudônimo Tristão de Athayde. Começa a militar na crítica literária em 1927 e o material produzido até 1933 integra o livro *Estudos*. Por influência do intelectual Jackson de Figueiredo, converte-se ao catolicismo e, então, vem a ser uma das mais atuantes vozes da Igreja Católica em todo o país. Para se ter uma ideia do empenho dele com a causa, basta citar que Tristão de Athayde esteve à frente do Centro Dom Vital, instituição que reunia os líderes católicos no Rio de Janeiro. Ele é considerado o mais importante intelectual católico do país e, apesar de sua presença como crítico por anos na imprensa, é conhecido, sobretudo, pela sua postura contra o regime militar, principalmente devido aos textos que publicou no *Jornal de Brasil* e na *Folha de S.Paulo*. É autor de algumas obras, entre as quais *Introdução à economia moderna* (1930), *Preparação à sociologia* (1931), *No limiar da idade nova* (1935), *O espírito e o mundo* (1936) e *Idade, sexo e tempo* (1938).



Temístocles Linhares

Um leitor apaixonado pela literatura. Essa é uma possível definição para Temístocles Linhares (1905-1993), crítico literário nascido em Curitiba que atuou com destaque nas páginas de *O Estado de S.Paulo*. Linhares sabia que para ser crítico literário não basta apenas ler ficção e poesia: é imprescindível conhecer o contexto cultural como um todo. Professor na Universidade Federal do Paraná (UFPR), escreveu obras sobre a conjuntura brasileira, entre as quais *Paraná vivo: um retrato sem retoques* (1953) e *História econômica do mate* (1968), ambas publicadas na célebre coleção Documentos Brasileiros, da editora José Olympio. Pensador da ficção brasileira, é autor de um livro fundamental para compreender a longa narrativa tupiniquim: *História crítica do romance brasileiro* (1987), em três volumes. Ao mesmo tempo em que vivia, lia e produzia as críticas, também manteve um diário, secreto, que foi publicado em seis volumes pela Imprensa Oficial do Paraná, na gestão Miguel Sanches Neto, com o título *Diário de um crítico*, com as anotações de 1957 a 1982.



A editora

Gostava de olhar o rosto do escritor enquanto montava nele: a expressão concentrada, os lábios tensionados em um círculo que se reduzia à medida que a respiração acelerava, à espera, os olhos sofrendo aos poucos o efeito tantalizante das pálpebras, as panturrilhas se contraindo, as pernas esticadas até o relaxamento dos membros, do rosto. Ela ia junto com ele, talvez apenas alguns segundos depois, retirando dos espasmos terminais o combustível final do seu desejo. As coisas então retomavam seus direitos: a cabeceira envernizada, os corpos no espelho do teto, o cheiro de esperma sob o aromatizante cítrico, todo o mau gosto de motel replicado num fim de tarde comum. Agora o rosto do escritor assumira a neutralidade do sono, com seu abandono inatingível. Ela abriu a bolsa que comprara na última viagem a Berlim e consultou a agenda: o jantar fora marcado para as 20:00. Não tinha muito tempo. Por alguns segundos, cogitou se deveria acordá-lo ou deixar um bilhete. Optou pelo bilhete, sempre uma ocasião melhor de exercitar a sedução, embora soubesse muito bem que, com escritores, o buraco era mais embaixo.

Revirou os papeluchos que sempre

afioravam na sua bolsa quando ela precisava encontrar a chave ou o batom, até achar algum com espaço suficiente para algumas linhas. “Buraco mais embaixo”: se o escritor ouvisse a expressão, certamente não perderia o trocadilho, escorregando a mão por baixo da saia que ela acabara de enfiar e procurando com os dedos aquele que preferia. Na sua experiência, os escritores mais sutis eram os mais sacanas: reservavam para a realidade aquilo que sonegavam na literatura. Finalmente, encontrou um pedaço de papel que lhe pareceu digno. Rasgou a parte usada com o cuidado suficiente para parecer casual, mas não desleixada, e rabiscou as palavras: “Saindo mais cedo pra cuidar de você, querido. Reunião daqui a pouco. Te dou notícias mais tarde”.

Fora um percurso relativamente curto aquele que a levava dos personagens aos autores. Seu primeiro marido era uma réplica quase perfeita do protagonista da saga que lera aos 15 anos com irreprimível emoção: um empresário poderoso, de ossos grandes e coração de manteiga, mas apenas com os eleitos; um homem feioso e sagaz que, quando ferido, era capaz de uma crueldade constante e refinada. Foi o que aconteceu quando se separaram, embora houvesse os filhos, que refrearam

um pouco sua fúria. Na verdade, com o tempo ela havia percebido que o marido não estava à altura do seu modelo literário. Então, seu interesse se voltava para os autores: se uma pessoa estava sempre aquém ou além de um personagem, os escritores eram capazes de controlar almas e destinos. Não a decepcionariam com uma constância enfadonha ou com mudanças inaceitáveis, próprias de quem não estava aprisionado eternamente nas páginas dos livros, porque estavam sempre prontos a criar novos mundos, que era o que realmente a fascinava.

Ia ser uma parada dura aquele jantar onde se decidiriam as principais linhas da Feira e ela precisava estar pronta, o que significava uma toalete que misturava poder e sensualidade e uma lábia com doses equilibradas de suavidade e pragmatismo. Ir ao salão estava fora de cogitação, mas daria um pulinho em casa, o tempo suficiente para preparar o corpo e o espírito. Precisava conseguir uma posição de destaque para o escritor. Era uma questão de honra que tanto podia ser vista como um ato de vaidade quanto de generosidade. Nesse caso, não fazia a mínima diferença: ela era uma amazona, montada no seu cavalo, pronta a defender seus ideais mais altos. Examinou-se no espelho em frente à cama, anotando mentalmente os principais pontos a corrigir (bolsas levemente arroxeadas sob os olhos, riscos engrossando na testa), antes de se voltar para olhar o escritor uma última vez.

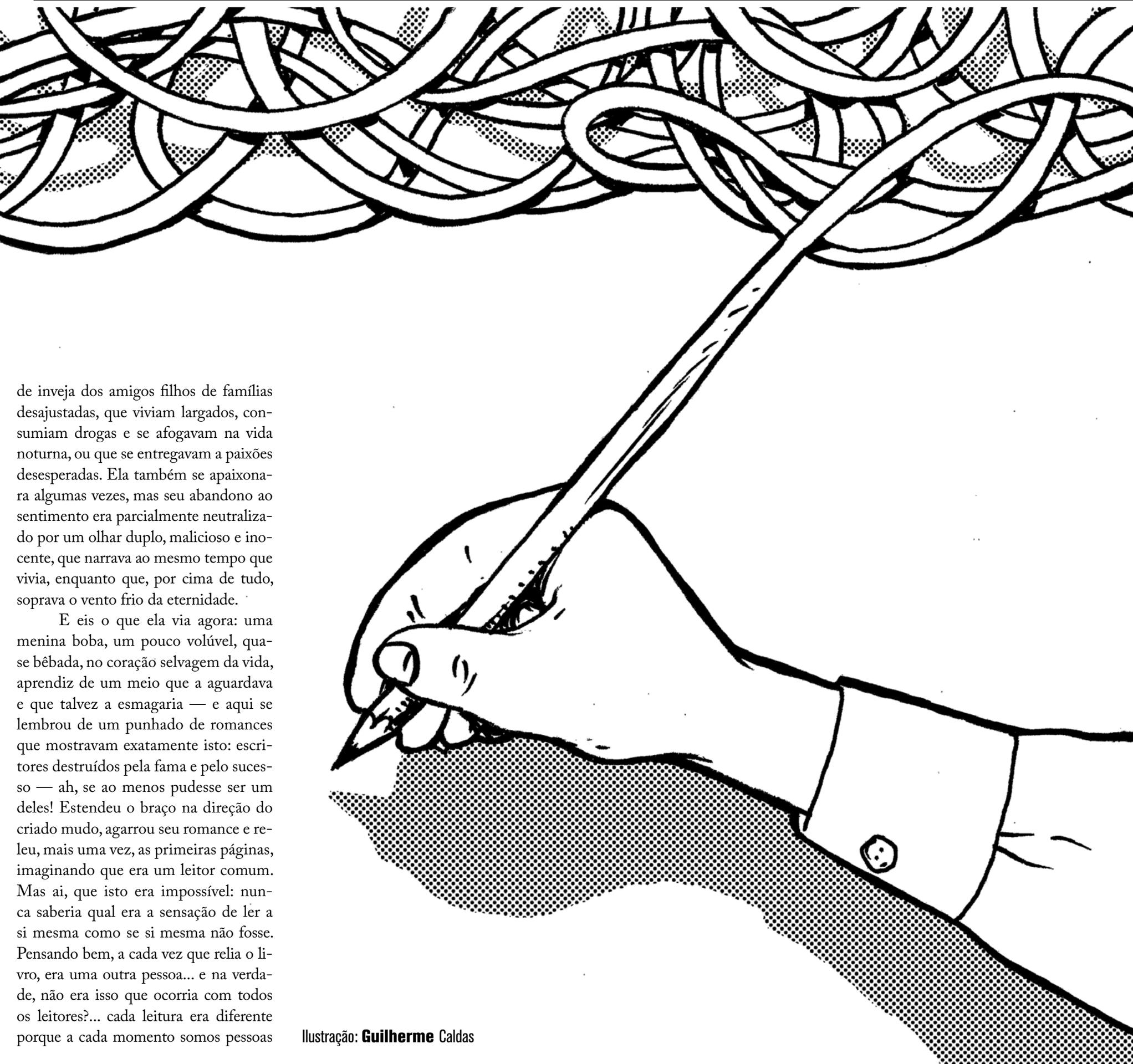
A promessa da literatura

Mergulhada no edredom macio, Valentina sentia a felicidade escorrer dentro dela: um fio fresco e adorável que vinha do alto da cabeça, descia-lhe pelas costas, se espalhava pelos membros e terminava num lago de água doce nos pés alados. Tinha bebido um vinhozinho no jantar, acompanhando

o penne com alcaparras que preparara assim que desligara o celular. Uma comemoração particular – ela as adorava. Nelito, seu amigo de longa data, acabara de confirmar sua participação numa mesa da Feira; talvez fosse sua grande oportunidade, e ela não a perderia. Seria a primeira vez que participaria de um grande evento, e riu ao pensar como era boba. Afinal, não era nada demais: seu livro tivera uma boa resenha e era “forte” – embora às vezes lhe doesse no peito a dúvida de que simplesmente fosse falso. Nessas horas, entrava num ralo de angústia e autocomiseração. Pegava os seus autores mais amados e lia-os com sofreguidão, até certificar-se de que ela mesma poderia ter escrito aqueles livros. Então emergia, pensava que era merecedora e, com os contatos certos, conquistaria uma posição na Literatura brasileira. “Escritora”, repetia a palavra para si mesma, baixinho, encantada com a própria voz. Desde pequena sonhara com aquilo, e agora que o reconhecimento estava próximo, mal podia acreditar. Já era vista como uma promessa, e precisava estar à altura.

Publicara seu primeiro romance por uma editora pequena, depois de dois livros de poesia em edição semiartesanal vendidos para poucos amigos, em recitais esfumaçados; e então a grande estrada da prosa se abria a ela, tão grande e promissora como seus próprios cabelos, uma massa sedosa e castanha que costumava prender com um lápis sobre o alto da jovem cabeça. Tinha um rosto anguloso e olhos levemente estrábicos e sonsos.

De resto, era um tipo comum. Sempre morara na zona sul do Rio de Janeiro, estudara em bons colégios e fora criada por pais medianamente atenciosos. Vivera sua adolescência, não tão distante assim, encarapitada no mastro de um navio de onde observava os dramas humanos, anotando-os para utilizá-los no futuro. Sentia uma ponta



de inveja dos amigos filhos de famílias desajustadas, que viviam largados, consumiam drogas e se afogavam na vida noturna, ou que se entregavam a paixões desesperadas. Ela também se apaixonara algumas vezes, mas seu abandono ao sentimento era parcialmente neutralizado por um olhar duplo, malicioso e inocente, que narrava ao mesmo tempo que vivia, enquanto que, por cima de tudo, soprava o vento frio da eternidade.

E eis o que ela via agora: uma menina boba, um pouco volúvel, quase bêbada, no coração selvagem da vida, aprendiz de um meio que a aguardava e que talvez a esmagaria — e aqui se lembrou de um punhado de romances que mostravam exatamente isto: escritores destruídos pela fama e pelo sucesso — ah, se ao menos pudesse ser um deles! Estendeu o braço na direção do criado mudo, agarrou seu romance e releu, mais uma vez, as primeiras páginas, imaginando que era um leitor comum. Mas aí, que isto era impossível: nunca saberia qual era a sensação de ler a si mesma como se si mesma não fosse. Pensando bem, a cada vez que lia o livro, era uma outra pessoa... e na verdade, não era isso que ocorria com todos os leitores?... cada leitura era diferente porque a cada momento somos pessoas



diferentes, e a leitura de duas pessoas pode se assemelhar mais do que a leitura de uma mesma pessoa em diferentes épocas... o que daria um ensaio, que poderia enviar para... Mas nessa altura teremos de deixar nossa promessa da Literatura, pois o livro jaz aberto sobre seu peito e definitivamente ela entrou no mundo dos sonhos.

O escritor talentoso

Acordou com o corpo dolorido, a boca seca e a impressão de ter esquecido alguma coisa. O contorno impreciso dos móveis, o brilho embaçado de um espelho e a indiferença da cama sob o grande corpo nu lhe lembraram onde estava: dormira sem perceber, depois da intensa atividade física (a editora costumava ser bastante exigente). Por trás de um mal-estar vagamente líquido — seu estômago ainda estava estufado da cerveja do almoço —, banhava-o a luz do autocontentamento. Mas como sofrera até chegar ali! Passara anos dando aulas no pré-vestibular para alunos enfatiados de 15 a 18 anos, dia após dia carregado de trabalhos e provas que nunca terminava de corrigir e que temia fossem contaminá-lo. Viera então o prêmio tão sonhado, justo no momento em que assumia para si mesmo a nobreza da renúncia. Então tivera de ajustar sua atitude, ostentando um leve desprezo pela glória que combinava às maravilhas com a onda de interesse que o atingia: era um escritor talentoso que desprezava as coisas mundanas e permanecia dedicado à causa da literatura. Trazia sempre a barba malfeita, os cabelos desganhados e a blusa amarrotada de quem virara a noite lutando com demônios interiores, e oferecia aos que o visitavam no seu bunker em Botafogo a iguaria exótica que fazia a delícia das matérias de jornal: arenque defumado acompanhado de um cálice de conhaque, herança das reminiscências

judaicas do avô. Uma vez tinham-lhe dito que um escritor devia ter alguma peculiaridade, e como esta lhe pareceu bastante convincente, não se importava de gastar parte do prêmio no arenque redentor.

Espreguiçou-se, sentindo a cama lhe faltar embaixo dos pés. Era muito alto; seu corpo crescera tanto e tão rápido que se vergara já aos 15 anos. Assim, cedo parecera mais velho do que era, o que, somado à sua timidez algo lírica, despertava certo interesse nas mulheres, principalmente nas mais velhas. Mais tarde, apaixonara-se e casara-se com uma professora de história do segundo colégio onde trabalhara, mas se separaram três anos depois, por razões que desconhecia: a única coisa que conseguia pensar era na metáfora de um fósforo apagado. A partir dela, começou a escrever furiosamente o que viria a ser o seu grande romance (os dois anteriores tinham sido ignorados pelo público e pela crítica). O prêmio e o prestígio o haviam colocado em outro patamar e ele não hesitara em aproveitar a maré. Aos 40 anos, voltara previsivelmente à adolescência que não tivera, o bunker convertido em local de abate. Mas logo aquilo tudo o enfatiara. Para seu desespero, começou a ter dificuldades de ereção: mais de uma vez, teve de gaguejar desculpas para os corpos descrentes ou apiedados em sua cama. E, como uma súbita revelação, percebeu que estava apaixonado pela editora.

Levantou-se num pulo e foi até o banheiro. Não gostava de motéis, mas a editora estava sempre com pressa e determinava seus encontros com o doce autoritarismo que era parte do seu encanto. Abriu o vaso, onde despejou um longo jato enquanto olhava para a parede branca e via o rosto emoldurado pelos cabelos indo e vindo sobre os seios pequenos e perfeitos. Sentiu uma pancada de emoção ao imaginá-la circulando

pela Feira, dando entrevistas, falando do seu livro — “o Kafka brasileiro”, “labirinto tragicômico de falsas identidades” —, e depois o encontro a dois, comentando e rindo da curadora, dos editores, dos outros autores. Seria um tédio conversar com eles, dar entrevistas, ir a eventos sem a sua presença luminosa.

Na rua, custou a decidir aonde iria. Não estava com fome, mas cairia bem tomar um café e comer uma torta. Um menino descalço se aproximou engrolando um “tio, me ajuda aí”. Como sempre, sua carteira só tinha cartões de banco, que usava para todas as ocasiões. Apertando o passo, balançou a cabeça algumas vezes ao mesmo tempo que sacudia os bolsos vazios, à guisa de justificativa. Mesmo assim, o menino continuou seguindo-o, sempre repetindo o arrastado “tio, tio, tio...” Uma das suas livrarias preferidas estava bem próxima, e foi lá que entrou em terra firme.

A curadora

Ela recapitulou mais uma vez: dar o tom da Feira, explicar o funcionamento das mesas, Cafés Literários e eventos em geral, definir a grade de horários. Seria preciso equilibrar a grita das Editoras, e compensar a Editora X, que na Feira anterior se sentira lesada, sem provocar ressentimentos ou ameaças veladas de retaliação por parte das demais. Estava no ramo há vários anos, mas o jantar inicial era sempre fonte de stress, uma mistura bem peculiar de euforia e medo, como na estreia de um balé. Sim, era a mesma sensação: ela, magrinha como uma nuvem, se aquecendo nas coxias com o estômago revirado enquanto o Teatro submergia na escuridão anônima de uma multidão pronta a triturá-la ou a salvá-la. Dependia dela, e era inescapável: em breve saberia seu verdadeiro tamanho.

A caminho da cozinha — não conseguiria ficar sem comer nada até a

hora marcada para o jantar — , viu de relance sua imagem no espelho do banheiro. Meu Deus, como estava acabada! Tivera a beleza da juventude, e agora que os 50 haviam chegado, estava praticamente extinta. Gordura se acumulava nos quadris e em torno das coxas, denunciando tardiamente seu sangue negro, e as bochechas antes tão vivas se penduravam cada vez mais flácidas. Enquanto isso, a editora em ascensão brilharia no corpo ainda jovem, ou não tão jovem, mas... preparado. Não era assim que falavam hoje em dia? Fulana é preparada. A editora era assim, preparada em mais de um sentido. Ah, se a curadora pudesse preparar tudo como queria... Era a ironia da sua posição: devia dar o tom da Feira, mas vivia entre pressões incontornáveis que a tornavam apenas mais uma boneca manipulável. Restava apenas o falso gostinho do poder: romancistas, poetas, arrivistas de todos os tipos lambendo o chão que ela pisava, rindo das suas piadas, curtindo o seu couro.

Abriu a geladeira e contemplou as brancas entranhas. Dois iogurtes desnatados (prazo de validade vencido), uma metade de cebola (cheiro fétido se espalhando nas prateleiras), destroços de queijo brie, uma pilha de presunto com bordas roxas e ressecadas. Tristeza. Desde que o filho deixara a casa, sua geladeira não conseguira se recuperar. Houvera os amantes e as amantes eventuais, um breve interregno de uma relação relativamente estável e absolutamente histérica, mas nunca mais o cheiro antecipado do encontro diário, o conforto do arroz-feijão-legumes-salada, os bolos de chocolate nos fins de semana. Tudo passara tão rápido, e agora parecia um sonho. Primeiro a filha, casada antes da hora, substituída pela censura do telefonema protocolar aos domingos, desde o simples toque que parecia dizer: “ligo aos

domingos que é quando você não trabalha, ou pelo menos finge que não trabalha”. O tom ausente dos que concedem um favor, dos que cumprem uma obrigação. Depois, o filho bem-amado, ocupado demais com viagens e garotas para se lembrar da mãe. E no entanto lá estava ela, pronta a atender a um pedido dele mais uma vez. Pelo menos a garota parecia ter algum talento: escrevera um primeiro romance de um erotismo cool e com referências literárias que poderiam impressionar alguns críticos e ao mesmo tempo ganhar o público jovem.

E, por baixo de tudo, como um zumbido, a presença do marido. Só os mortos tinham direito à imortalidade.

Esticou os dedos e pegou uma fatia grudenta de presunto, que, antes de engolir, tentou sem sucesso enrolar num canudinho. Um copo do resto de suco de caixinha também ajudaria a enganar o estômago. Dane-se que estivesse gorda. Ainda era, e sempre seria, Maria de Lourdes Braga, a criteriosa, esperta e encantadora Lurdinha.

Enquanto coloca a roupa — tem de experimentar peças diferentes, terminhos estouram sob a pressão dos pneus da barriga, o decote em canoa mostra um colo enrugado demais, puta merda, será que teria de fazer uma lipo, uma plástica — , pensa que seria mais feliz se tivesse continuado hippie, plantando alfaca e maconha, ou se houvesse transformado toda sua experiência lísergica em arte; não como artista plástica (tinha horror àqueles tipos), mas como artesã de objetos decorativos ou de joias: faria uma pulseira em forma de escorpião cujo preço ultrapassaria de forma indecente o pouco ouro e os minúsculos diamantes incrustados na pele dourada. Conceito por conceito, preferia o mais honestamente desonesto — da literatura de verdade, aquela que tinha orientado suas primeiras escolhas, abria mão há tempos.

Olhou-se no espelho, e, como costumava acontecer quando era pequena (a reunião inicial sempre a tornava pequena e triste antes de, em escala ascendente, alcançar a sua verdadeira idade e vigor), lembrou-se da história da Branca de Neve. Uma das experiências mais terríficas da sua infância era a risada maligna da madrasta: espelho, espelho meu, existe alguém mais bonita do que eu? O disquinho colorido girava, com sua alegria indiferente, enquanto ela, Branca de Neve, explodia em lágrimas. Consultou o relógio: faltavam ainda 40 minutos. Pegaria mal chegar muito adiantada. Felizmente, as mesas estavam praticamente fechadas. Então lembrou que faltava ainda dar um telefonema. ■

 **Adriana Armony** nasceu no Rio de Janeiro, onde vive. É escritora, doutora em Letras pela UFRJ e professora do Colégio Pedro II. Publicou, pela Editora Record, os romances *A fome de Nelson* (2005), *Judite no país do futuro* (2008) e *Estranhos no aquário* (2012), e organizou, com Tatiana Salem Levy, a coletânea *Primos* (2010), da qual também participa com um conto. Seu terceiro romance, *Estranhos no aquário*, foi premiado com a bolsa de criação literária da Petrobras. O trecho que o *Cândido* publica faz parte do romance em progresso e inédito *A feira* (título provisório).

CLIQUESES

EM CURITIBA

A partir desta edição, o **Cândido** abre espaço a fotógrafos curitibanos que lançam um olhar poético sobre a cidade. Na estreia, Lina Faria publica série sobre a tão presente “chuva curitibana”. Uma das mais destacadas fotografias da cidade, Lina nasceu em Ivaiporã, interior do Paraná, e vive em Curitiba desde os anos 1970. Já publicou ensaios em diversos periódicos, como a revista *Gráfica*, as publicações da Editora Abril e o jornal *Nicolau*. ■





A arte da ironia

Divulgação-Mostra Internacional de Cinema de São Paulo



A diretora de *Durval Discos* e *É proibido fumar* revela que seus filmes recebem influências do estilo literário de Machado de Assis e Nelson Rodrigues

OMAR GODDY

Apesar de ter vários livros infantis publicados, a cineasta Anna Muylaert acredita que não escreve literatura. “Acho que fui para outro caminho, que é o da escrita audiovisual, em que as palavras são mero trampolim para a construção narrativa através de imagens”, diz a autora de títulos como *No rabo do cometa* e *Gato e sapato*, além de uma coleção inteira com novas histórias do *Menino Maluquinho*, de Ziraldo.

Seu território é mesmo o dos roteiros, que ela escreve o tempo todo. Seja para os próprios longas (*Durval Discos*, *É proibido fumar*, *Chamada a cobrar*), filmes de outros diretores (*Xingu*, *Desmundo*, *O ano em que meus pais saíram de férias*) e séries de televisão (*Mundo da*

Lua, *Castelo Rá-Tim-Bum*, *As Canalhas*).

Ainda assim, Anna identifica uma certa influência literária em seus trabalhos autorais, mais especificamente de autores como Nelson Rodrigues e Machado de Assis. “A ironia deles é o que mais me atrai, me interessa. Entendo a ironia como uma crítica que, em vez de reclamar, ri. Portanto, Machado e Nelson são referências eternas, além, é claro, de diretores que trabalham com isso, como Kubrick, Irmãos Cohen, Woody Allen, etc.”, explica.

A diretora afirma que não tem vontade de transpor títulos da literatura brasileira para as telas, mas já colaborou como roteirista em adaptações realizadas por outros cineastas — como *Desmundo*, de

Alain Fresnot, baseado no romance homônimo de Ana Miranda. “Você sempre tem que achar o pulo do gato no sentido da concisão. Filmes tendem a ser mais concisos que livros.”

Filha do jornalista Roberto Muylaert, a diretora cresceu com muitos livros em casa. Enquanto o pai gostava de obras sobre episódios históricos, a mãe, Celina, lia ficção “o dia inteiro”. Como era de se esperar, Anna logo se tornou uma leitora, e das mais curiosas. “Lia os livros indicados pela escola e também explorava outros assuntos. Pesquisava Darwin, História, ciências... Eu queria saber sobre tudo!”, conta.

O primeiro título que salta de sua memória afetiva é *O gênio do crime*, *best-seller* infantojuvenil de João Carlos Marinho. Mas a paixão literária inicial foi Fernando Sabino. “Acho que o primeiro livro que realmente mexeu comigo, me emocionou, foi *O encontro marcado*. Fiquei tocada e depois fui ler toda a obra dele”, revela a cineasta, que na adolescência também descobriu Thomas Mann (por influência da mãe) e o já citado Machado de Assis, seu preferido “da vida”.

Na literatura contemporânea, Anna acompanha a trajetória dos americanos Paul Auster e Sam Shepard. Entre os

brasileiros, destaca o paulista Paulo Rodrigues, de quem leu *À margem da linha*, romance de 2001 que narra a jornada de dois irmãos em busca do pai desaparecido. “Amei a escrita dele. O personagem narrador é muito forte, vivo”, afirma.

Sua descoberta mais recente, no entanto, é o escritor e dramaturgo de origem húngara Sándor Márai (1900-1989), conhecido pela crítica ao comunismo e habilidade em relacionar o perfil psicológico dos personagens com o ambiente socioeconômico em que as tramas de desenvolvem. “Me apaixonei por ele. Li tudo o que temos disponível e estou sempre esperando lançamentos.

Embora não seja contemporâneo, para mim é novidade”, diz, sobre o autor de *As brasas*, *Confissões de um burguês*, *Libertação* e *De verdade*, entre outros.

Atualmente, Anna trabalha em dois projetos de longa-metragem. Em fase de filmagem, *Que hora ela volta?* traz Regina Casé no papel de uma empregada doméstica que reencontra a filha deixada na infância. Ainda neste ano, ela também roda *Mãe só há uma*, história de um adolescente que descobre não ser exatamente quem pensava que era. “Meus filmes sempre saem de experiências pessoais, por isso não penso em adaptar um grande livro brasileiro para o cinema”, afirma. ■



Divulgação do filme *É proibido fumar*

Entrevistas do projeto “Um escritor na Biblioteca” são editadas em livro

Volumes reúnem conversas com alguns dos principais autores brasileiros dos últimos 30 anos, como Luis Fernando Verissimo, Marçal Aquino, Milton Hatoum e Paulo Leminski

MELISSA R. PITTA

Em 2011, após uma interrupção de 26 anos, o projeto “Um Escritor na Biblioteca” foi retomado na Biblioteca Pública do Paraná (BPP) com uma programação mensal. Concebido originalmente nos anos 1980, o bate-papo trouxe a Curitiba, entre 1984 e 1986, 11 autores da literatura brasileira. Na retomada, em 2011, foram dez escritores.

É o conteúdo dessas conversas que a Biblioteca Pública do Paraná disponibiliza agora, em dois volumes, por meio do selo Biblioteca Paraná.

As entrevistas contidas nos livros do projeto “Um Escritor na Biblioteca” vão ao encontro de uma nova realidade da literatura brasileira, onde o escritor não pode mais “apenas” escrever livros. Espera-se dele, também, que dialogue com seus leitores, fale de seu processo criativo, das ilusões e desilusões de seu ofício e

quê, com isso, também desmistifique a figura do criador de ficção ou poesia.

Ao percorrer a vida e a carreira dos escritores, suas visões de mundo e motivações, a seleção de autores dos livros funciona como um mosaico das principais tendências da literatura brasileira nos últimos 30 anos.

Além dos tradicionais temas que dificilmente escapam de entrevistas com escritores, como o método de trabalho, as crises de criatividade, a construção de personagens e as influências decisivas no âmbito literário, os livros da série “Um Escritor na Biblioteca” trazem ao leitor o espírito do tempo em que as conversas se deram.

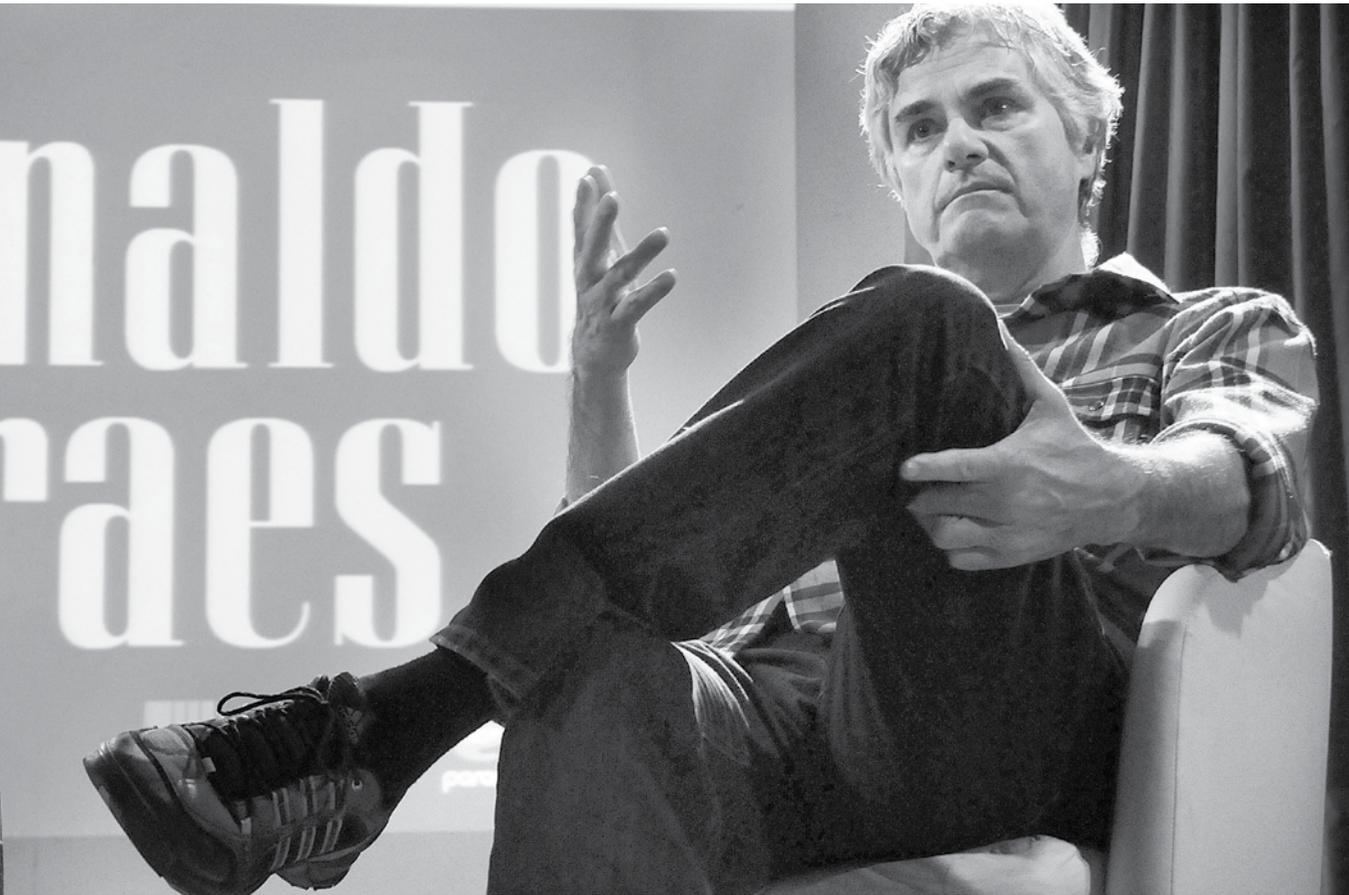
Se nos anos 1980 — quando participaram do projeto nomes como Fernando Sabino, Paulo Leminski e Luis Fernando Verissimo —, a preocupação dos

autores era em relação à política e à redemocratização do país, nos anos 2000 os temas são outros. Além da formação intelectual e literária dos escritores, os relatos dão conta de assuntos como a formação de novos leitores, a profissionalização do mercado editorial brasileiro, o estudo da literatura em escolas e universidades e, claro, a autoavaliação dos escritores a respeito de suas próprias trajetórias. Depoimentos que capturam personagens interessantes, como Cristovão Tezza, Marçal Aquino, Reinaldo Moraes e Sérgio Sant’Anna, protagonistas de um dos períodos mais férteis da literatura nacional nas últimas décadas.

Os livros têm tiragem de mil exemplares e serão distribuídos para todas as Bibliotecas Públicas do Paraná. Também estarão à venda na própria BPP por R\$ 15 cada um ou R\$ 20 os dois volumes. ■



Foto: Kraw Penas



Escritores entrevistados 1980

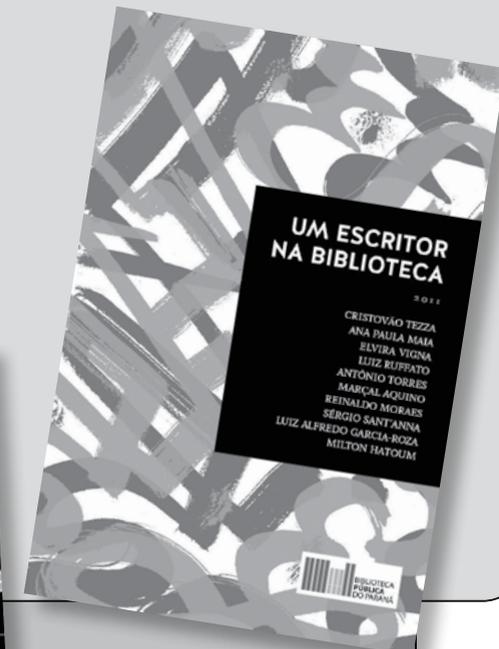
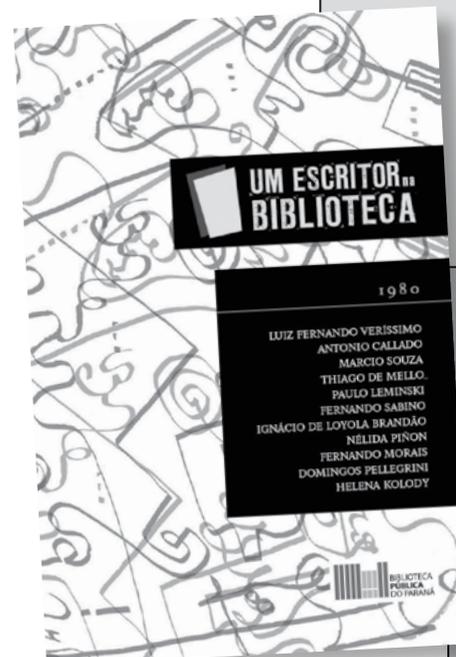
Luiz Fernando Verissimo, Antônio Callado, Márcio Souza, Thiago de Mello, Paulo Leminski, Fernando Sabino, Ignácio de Loyola Brandão, Nélida Piñon, Fernando Moraes, Domingos Pellegrini e Helena Kolody.

Escritores entrevistados 2011

Cristovão Tezza, Ana Paula Maia, Elvira Vigna, Luiz Ruffato, Antônio Torres, Marçal Aquino, Reinaldo Moraes (ao lado), Sérgio Sant'Anna, Luiz Alfredo Garcia-Roza e Milton Hatoum.



Marçal Aquino, autor de *Faroestes*, falou sobre seu processo criativo e outros assuntos.



Um Escritor da Biblioteca – 1980
200 páginas, R\$ 15.

Um Escritor da Biblioteca – 2011
188 páginas, R\$ 15.

À venda na Biblioteca Pública do Paraná
Rua Cândido Lopes, 133
Curitiba – PR
Mais informações: (41) 3221-4951

Vingança

Segue ébrio de ódio. Mas equilibra-se. Em ambas as mãos há um garrafão. No meio-fio tropeça e violentamente bate com a cabeça numa placa de trânsito. Ao pisar muambas

espalhadas no chão, parece gingar sambas. Não há ninguém que o avise, ninguém que o impeça do próprio pé molhar, mijando-se sem pressa. Prossegue. O passo é duro, embora as pernas bambas.

Opera uma manobra, oculto atrás dos postes. Marchando em plena rua, investe contra as hostes. Que pensa ele fazer, tão intrépido e indômito,

contra essa imensa grei? À turba, sem embargo, avança resoluto, estufa o ventre largo, lançando a todo mundo o nojo de seu vômito.

Poção de beleza

Os olhos são de bonecas, os corpos como farrapos, tripas desfeitas em trapos, cabeças ficam carecas.

Línguas roxas, bocas secas, como o veneno dos sapos, dos rostos que eram tão guapos vazavam visgo e melecas.

— Eram mortas tuas amigas? Não sentiriam mais asco de teu corpo obeso e flácido.

E a alimentando as lombrigas, de um gole sorveste o frasco, lavando as vísceras no ácido.

Epifania

Há no culto fiéis de olhos fechados que na esperança por mais um milagre recebem todos juntos bênçãos, brados, espargidos à esponja com vinagre. Mãos na cabeça, seus braços para o alto, com súbita aparência de um assalto.

Hora marcada

Preso ao tempo burocrata, amarras outra gravata no pescoço. E feito o laço, empreendeste o último passo.

Na abrupta queda, suspenso, oscila esse corpo imenso e impreciso que recorda um pêndulo preso à corda.

E este trabalho sem pausa quem sabe fosse por causa dos objetivos que obsedas.

É que o labor a que te alças pôs no bolso de tuas calças cerca de trinta e três moedas.



 **Wagner Schadeck** nasceu em 1983, em Curitiba (PR), onde vive. É poeta e tradutor. Atualmente traduz e organiza um livro com as *Odes completas* de John Keats.

Erick Carjes

POEMA | EUCANAÃ FERRAZ

Passa-o nos lábios três quatro vezes

Senta-se frente à televisão.
Ou melhor, antes disso

vai ao cabeleireiro cobre as raízes brancas
com o louro intenso número 8

e ainda pede ao Ricardo que lhe apare
as pontas ressecadas.

Depois pega da bolsa o Ruby passion
passa-o nos lábios três quatro vezes

cuidadosamente. Em casa,
senta-se frente à televisão liga
naquele programa que dá informações
valiosas de beleza e saúde fáceis

de inserir no dia-a-dia e seguindo
as orientações da mulher que explica

tudo com voz calma põe a coluna ereta
faz inspirações e expirações profundas

enquanto aperta com a mão direita
o revólver que o marido esconde

na gaveta pequena da cômoda.
Você não sabe segurar uma arma
e pensa que talvez não dê certo
mas eu não sou uma boba você

diz a si mesma é preciso tentar eu
sou uma mulher

tem que dar certo diz baixinho
encostando o cano no lado

do coração que bate alto
acelerado posso ouvir daqui.

No imenso metro entre nós

Talvez você não seja mais que isto: alguém,
de costas, tenta acender um cigarro ao vento.

E há este oceano abstrato que vem bater em nosso quarto.
É preciso cuidado, não são poucas e são altas suas ondas;

escuto, mas quem compreenderia a valsa monocórdia
dos afogados, feita de uma boca intraduzível?

O vento dispersa o que eu diria, não chego
a você, a seus ouvidos; assim também minha mão

que desmorona antes de alcançar seu rosto onde
do que entre nós alguma vez foi nítido embarçam-se

os fios; o vento derrama seus olhos para longe,
dessalga e seca nos meus a hipótese da queixa;

vento da noite, que espalha suas pedras negras
no imenso metro entre nós.

Talvez o mundo mais perfeito seja apenas isto:
você, enfim, acende seu cigarro.

Muito branco da memória Não mais que

Hoje te parecem desoladas todas as avenidas.
Podes senti-las em tuas roupas que cheiram ainda
aos corredores que se lançavam apressados nos portões

de partida. Tudo foi claro e tudo foi absurdo, como agora
no poema, quando rimas e melancolia brotam ridículas,
pretensamente belas como orquídeas desmedidas.

Amanhã, porém, tudo estará limpo e seco e reto.
Cicatrizadas as feridas, restarão contra o céu
muito branco da memória não mais que

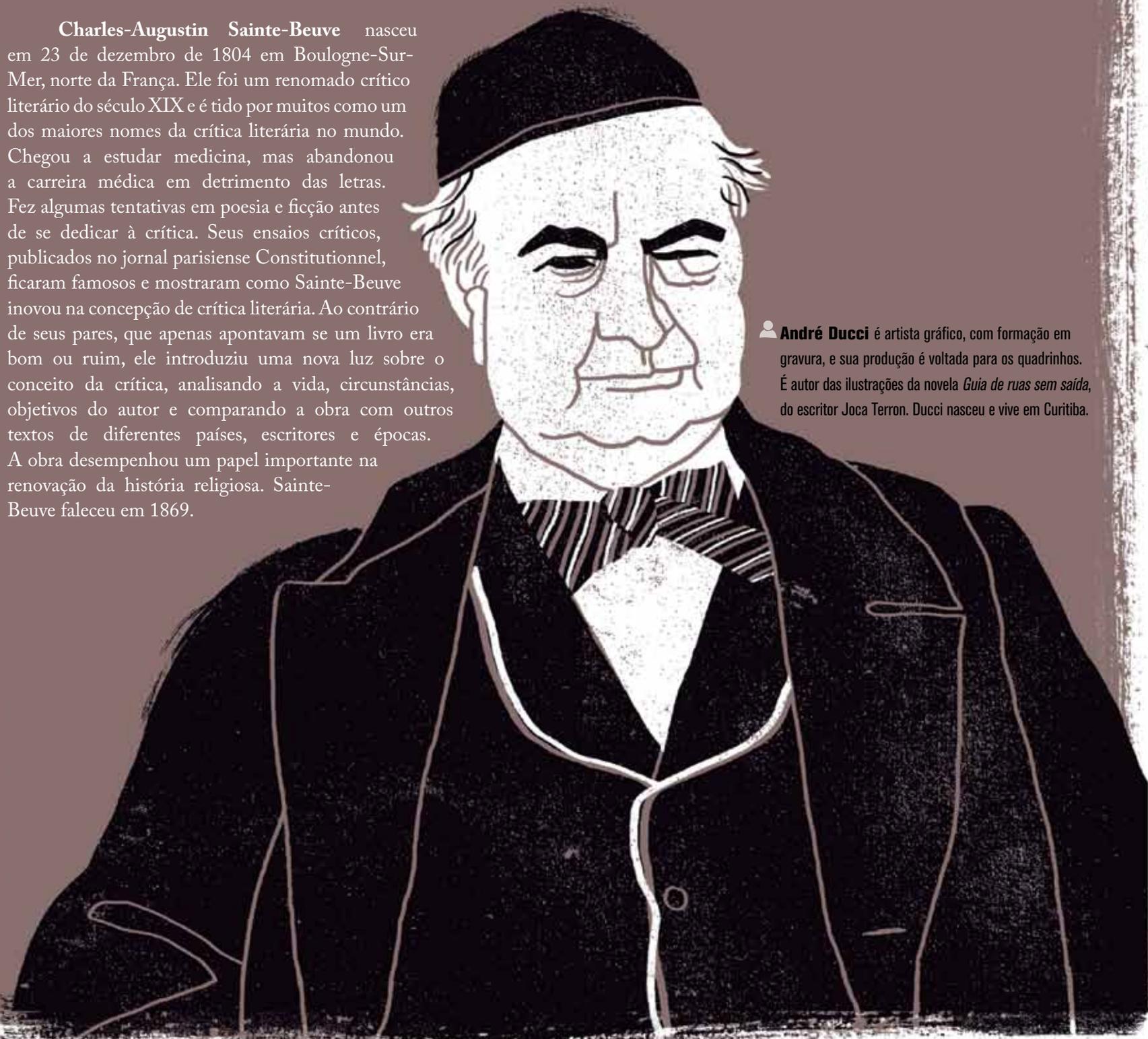
a silhueta precisa — pernas braços cabelos —
daqueles pinheiros, tristíssimos, e uma palavra
sem nexo: Curitiba, Curitiba.

 **Eucanaã Ferraz** nasceu em 1961. Escreveu, entre outros, os livros de poemas *Cinematica* (2008) e *Sentimental* (2012), este último vencedor do Prêmio Portugal Telecom em 2013. Também organizou os livros *Letra só*, com letras de Caetano Veloso (2003), e *Poesia completa e prosa de Vinicius de Moraes* (2004). Vive no Rio de Janeiro (RJ).

RETRATO DE UM ARTISTA | SAINTE -BEUVE

Ilustração: André Ducci

Charles-Augustin Sainte-Beuve nasceu em 23 de dezembro de 1804 em Boulogne-Sur-Mer, norte da França. Ele foi um renomado crítico literário do século XIX e é tido por muitos como um dos maiores nomes da crítica literária no mundo. Chegou a estudar medicina, mas abandonou a carreira médica em detrimento das letras. Fez algumas tentativas em poesia e ficção antes de se dedicar à crítica. Seus ensaios críticos, publicados no jornal parisiense *Constitutionnel*, ficaram famosos e mostraram como Sainte-Beuve inovou na concepção de crítica literária. Ao contrário de seus pares, que apenas apontavam se um livro era bom ou ruim, ele introduziu uma nova luz sobre o conceito da crítica, analisando a vida, circunstâncias, objetivos do autor e comparando a obra com outros textos de diferentes países, escritores e épocas. A obra desempenhou um papel importante na renovação da história religiosa. Sainte-Beuve faleceu em 1869.



André Ducci é artista gráfico, com formação em gravura, e sua produção é voltada para os quadrinhos. É autor das ilustrações da novela *Guia de ruas sem saída*, do escritor Joca Terron. Ducci nasceu e vive em Curitiba.